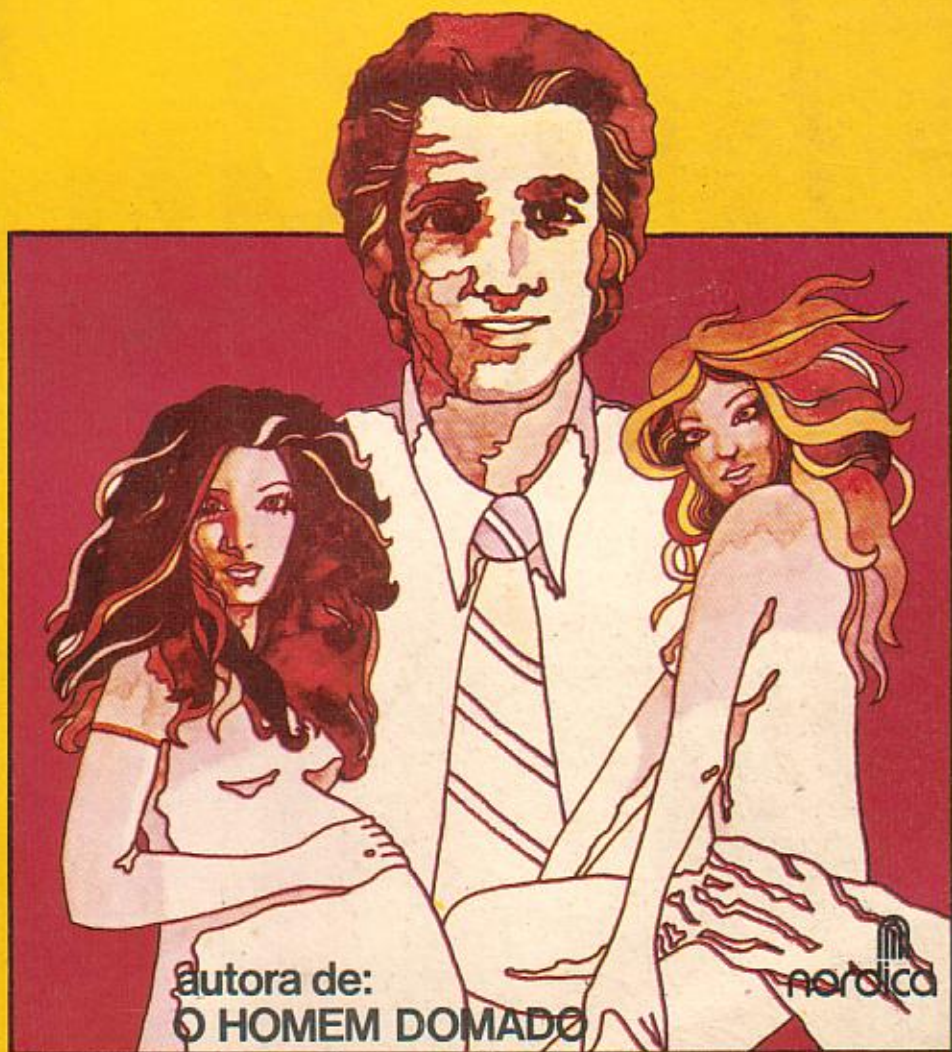
ESTHER VILAR

O SEXO POLÍGAMO

O DIREITO DO HOMEM A DUAS MULHERES

Título original
DAS POLYGAME GESCHLECHT *
* Das Recht des Mannes auf zwei Frauen

Capa de
Elionora Affonso

Produção e diagramação de
Jaime Bernardes

Editorial Nórdica Ltda.
Av. Copacabana, 1072 s/405
20000 Rio de Janeiro RJ
Tlg. Nordica, Rio
Fone. 255-3773

Impresso no Brasil

Este é um livro sobre o amor. Sobre aquilo que ele é, o que poderia vir a ser e o que as mulheres dele fizeram.

E.V.

ÍNDICE

Haverá duas espécies de amor entre o homem e a mulher?

1

O "VERDADEIRO" AMOR

Imagine-se um "script" contendo as seguintes cenas:

SOL, MAR, PRAIA RESERTA, UM HOMEM E UMA MULHER

o Homem: Querida, você está tão quieta. Que é que você tem?
a Mulher: Nada.
o Homem: Diz logo.
a Mulher: Não sei como te fazer compreender.
o Homem: Me fazer compreender o quê?
(Pausa)
a Mulher: Queria te deixar.
o Homem: Tens outro?
a Mulher: Sim.
o Homem: Estás certa de que o amas?
a Mulher: Sim.
o Homem: Mais do que a mim? ...
a Mulher: Não posso mas viver sem ele.
o Homem: (abraçando-a) Maravilhoso.
a Mulher: Como?
o Homem: Eu disse "maravilhoso" — fica com ele.
a Mulher: Tu te alegras?
o Homem: Porque não haveria de alegrar-me?
a Mulher: Então, não me amas mais?
o Homem: Pelo contrário.
a Mulher: Tu me amas?
o Homem: Eu te amo e quero que sejas feliz. Esperavas outra coisa?

Neste ponto, o produtor, que está lendo o roteiro, pega o telefone e manda chamar o autor. Pergunta se enlouqueceu: havia encomendado expressamente uma cena de amor, mas que isto jamais seria uma cena de amor. Em uma "verdadeira" cena de amor, o homem teria que quebrar a cabeça da mulher, ou, pelo menos, fazer de conta. Depois teria que jogar-se dentro do carro, arrancar com os pneus rangendo e dar uma surra no rival.

Se o produtor se deixasse levar a maiores discussões, o resultado seria possivelmente a descoberta de dois diferentes tipos de amor entre o homem e a mulher: de perdão e de vingança, de dádiva e de posse, de renúncia e de afirmação ...

Confere? Há entre o homem e a mulher duas diferentes formas de amor, opostas em sua essência? Ou será "falsa" uma delas, enquanto somente a outra representa o "verdadeiro" amor?

Como é possível que ainda existam tantos desentendimentos a respeito de um fenômeno que quase todo homem adulto já experimentou, pelo menos uma vez, que várias gerações de psicanalistas já pesquisaram a fundo e que tem sido o tema preferido de escritores, compositores e artistas? Que é o amor?

OBJETO DE PROTEÇÃO E PARCEIRO SEXUAL

Querendo falar de amor, é preciso começar bem do princípio: o fato de vivermos e encontrarmos vida ao nosso redor, deriva de determinados princípios. Isto é, se aqui ou em alguma outra estrela encontrarmos algo com vida, poderemos então supor que este algo está submetido a leis que, em última análise produzem vida a partir da matéria morta. Caso contrário,

nada encontraríamos. Entendendo por vida o princípio geral da MUTAÇÃO — que Darwin chama de VARIAÇÃO e SELEÇÃO — teremos que incluir a morte e a destruição, senão o material para mutações seria rapidamente desgastado.

Todo ser teria então que preencher pelo menos três "princípios fundamentais de vida":

1 preservar sua própria vida (auto-conservação)
2 transmitir a vida antes da morte, para a auto-conservação da vida (reprodução)
3 conservar a vida daqueles a quem transmitiu a sua, enquanto não tiverem condições de fazê-lo (proteção à cria).

Também o ser humano está sujeito aos princípios da AUTO-CONSERVAÇÃO, REPRODUÇÃO e PROTEÇÃO À CRIA. Caso contrário, não teria condições de sobrevivência.

O INSTINTO DE CONSERVAÇÃO é de certo modo ANTI-SOCIAL, pois o cuidado é dispensado exclusivamente à própria pessoa. A REPRODUÇÃO e PROTEÇÃO À CRIA, pelo contrário, são mecanismos SOCIAIS. Para realizar a REPRODUÇÃO — que é, evidentemente, por falta de atrativos próprios, adoçada pelo INSTINTO SEXUAL — não podemos agir sozinhos. Também o INSTINTO DE PROTEÇÃO À CRIA é dirigido a outros.

Os OUTROS, que necessitamos para a satisfação de nossos instintos sociais, são, dependendo dos instintos sociais que nos ajudam a satisfazer, PARCEIROS SEXUAIS ou OBJETOS DE PROTEÇÃO.

Será fácil reconhecer nestes dois impulsos o fundamento biológico do AMOR, pois sua materialização mais intensiva e duradoura — a atração por um parceiro sexual ou pelos próprios filhos — é amor. Quem

tem um amante, é feliz. Tantas vezes quantas for possível, satisfará por meio dele sua sede de sexo e lhe dirá que o ama. Se a relação chegar ao fim, ele ou ela dirá que tem "mal de amor". Esta situação perdurará até que seja encontrado o substitutivo, isto é, "um novo amor". Quem possui um objeto de proteção, protege-o. Para tanto, arrisca a própria vida, deseja-lhe sempre o bem e reitera-lhe seu amor. Se o perder, será infeliz. E dirá que perdeu o que mais amava neste mundo.

Não importa de quem falamos, OBJETO DE PROTEÇÃO ou PARCEIRO SEXUAL, a expressão usada é sempre a mesma: amor. O objeto designado é, todavia, fundamentalmente diverso em sua essência. Para que se deseje proteger o objeto de proteção, torna-se necessário que este preencha determinadas condições prévias que não sejam compatíveis com as que são estabelecidas para um parceiro sexual, e vice-versa. O que quer dizer que as qualidades do outro parceiro determinam a espécie de necessidade biológica que com ele desejamos satisfazer. Determinam, em última análise, a espécie de amor que viermos a oferecer-lhe.

Quais são estas qualidades?

QUE É UM OBJETO DE PROTEÇÃO?

Para atrair o instinto de proteção, é necessário preencher três requisitos básicos: *ser física e espiritualmente inferior* ao protetor e, ao mesmo tempo, *semelhante* a ele. Não há necessidade de provar expressamente que as duas primeiras qualidades são imprescindíveis: seria absurdo tentar proteger alguém que fosse possuidor de força igual ou superior, tanto física como espiritual. *A diferença entre gerações* é o melhor pressuposto para a necessária distância entre as forças fí-

sicas e espirituais. Por este motivo, o mecanismo funciona com a máxima ausência de atritos entre pais e filhos.

É fácil provar a necessidade da semelhança. O amor pelo objeto de proteção baseia-se no motivo mais simples e eficaz que se pode imaginar, o da identificação: "Preciso reconhecer-me no meu protegido, deve parecer-se o mais possível comigo". Se cada um quisesse proteger a cada um, apenas por reconhecê-lo como mais fraco, poderia acontecer que muitos, os próprios companheiros, para citar um exemplo, viessem a ser prejudicados e outros, mais favorecidos. O "egoísmo de grupo" é de certa maneira o mais simples, efetivo e "justo" de todos os mecanismos sociais: cada um cuida em primeiro lugar de si e dos seus — somente assim os animais conseguiram sobreviver, sem leis sociais especiais e sem ideologias.

É precisamente entre os animais que se pode observar com clareza que o impulso de proteção é dirigido ao ser semelhante: a fêmea enjeita impiedosamente a cria que não se parece com ela. A semelhança não precisa estar necessariamente na aparência, poderá até — sob o nosso ponto de vista humano — estar em algo tão sem importância como o cheiro do animal. Pode ser parcial, deve ser parcial, mas onde ela é válida, decide sobre a vida ou a morte.

Qualquer criança sabe que o passarinho caído do ninho não deve ser ali recolocado com as mãos nuas, pois o cheiro estranho faria com que a mãe o jogasse novamente para fora. Para que uma fêmea venha a adotar uma cria guaxa, deve-se procurar enganar a mãe adotiva com táticas que a levem a descobrir no filhote alguma semelhança. Somente então ela estará disposta a criá-lo como seu.

Também o homem trata da descendência pelo princípio da semelhança. A mãe é quem se identifica mais facilmente com o recém-nascido: ela sentiu sua presença durante longos meses, ele saiu de dentro dela, ele é ela. O pai fica limitado apenas ao raciocínio: inicialmente ele encara o filho de maneira bastante indiferente. Embora lhe garantam que o filho é "igualzinho ao pai", ele custa a reconhecê-lo. Somente mais tarde vem a aceitar a semelhança e começa a amá-lo. Esta disposição para a identificação imediata, que o homem não consegue, dá à mulher a fama de ser mais altruísta do que o pai. Como a mulher não hesita em reconhecer no filho o seu objeto de proteção, é por isto levada a transformar seu impulso de proteção à cria diretamente em ação, o amor materno costuma ser tido por um sentimento mais forte do que o amor paterno. Na verdade, trata-se apenas de uma protelação no aparecimento de dois sentimentos de igual intensidade, cuja origem é exclusivamente biológica.

Ficou suficientemente provado, não só pela troca dos papéis dos pais em algumas culturas primitivas, como também por experiências sociológicas modernas, que os pais podem amar seus filhos tanto quanto as mães e que o instinto masculino de proteção à cria nada fica a dever ao instinto feminino.

AMOR AO PRÓXIMO

O homem não é somente um animal, não segue unicamente seus impulsos, tal como um animal: consegue reconhecê-los, conscientizá-los e distanciar-se deles, podendo modificá-los ou generalizá-los. Também pode, por exemplo, ampliar o princípio da semelhança e re-

conhecer-se em um ser estranho e necessitado de auxílio. Por seu raciocínio, e contrariando uma tola crença, pode comprovar que o homem de coloração de pele diversa da sua possui instintos idênticos aos seus ("brancos também são gente", "negros também são gente") e que os deficientes físicos e mentais não diferem da gente sadia. Esta "humanização" do instinto de proteção à cria, que somente é possível no ser humano, é o "Amor ao próximo". Portanto, o amor ao próximo é, por extensão, instinto cultivado de proteção à cria.

O amor ao próximo é garantido apenas imperfeitamente pelos instintos. Falta-lhe a "semelhança biológica" com o objeto de proteção. Não é nada lógico, portanto, que se lhe dê proteção. Às vezes, é necessário muita persuasão e considerável "auto-domínio" para que se engane o primitivo instinto de nivelamento. Por este motivo, o amor ao próximo é considerado como uma virtude.

Nem sequer nos países cristãos foi possível até agora conseguir que a racionalização do instinto de proteção à cria, pregada em primeiro lugar por Jesus, fosse praticada em larga escala. O princípio cristão, pelo qual deve-se reconhecer o próximo como a si mesmo, substitui uma igualdade condicionada biologicamente por uma igualdade intelectual, indo de encontro às previsões biológicas — qualificadas como "más" — quase como o princípio de igualdade dos marxistas. Sua inatingibilidade faz com que sejam considerados como "valores mais altos". O valor das coisas é estabelecido por sua raridade. Os objetos de proteção geralmente são tratados mediante pagamento, que poderá ser de natureza material ou ideal: dinheiro, herança, consideração social, companhia, luxo paradisíaco com vida eterna.

As variações mais comuns dos objetos imperfeitos de proteção são:

Inferiores físicos sem semelhança: doentes, pobres
Inferiores espirituais sem semelhança: doentes mentais.

Inferiores físicos e espirituais sem semelhança: crianças estranhas, mulheres. — A mulher como objeto imperfeito de proteção do homem será objeto de estudo detalhado em outro capítulo.

Ainda deve ser mencionada aqui mais uma variação dos objetos de proteção, que seria perfeita se não pertencesse a uma espécia não humana: os psicólogos estão convencidos de que os cachorros são escolhidos pelo dono seguindo um princípio de identificação, isto é, pela semelhança. Por isto não é raro que os cachorros de raças pequenas gozem do mesmo "status" dos filhos da casa.

QUE É UM PARCEIRO SEXUAL?

Já foi dito que as condições prévias de aptidão para objeto de proteção são a maior semelhança possível com o protetor, aliada à dependência física e espiritual — sendo a última definida principalmente pela diferença entre as gerações. As condições prévias de aptidão para parceiro sexual são exatamente opostas. Consistem no maior e fundamental antagonismo possível dos parceiros em tudo o que encararem como especificamente sexual (qualidades físicas em sentido lato) e na maior semelhança em tudo aquilo que não for por eles encarado como sexualmente específico (qualidades físicas no sentido mais lato).

Todas as qualidades que acentuarem o antagonismo entre parceiros de sexo diferente, aumentam as possibilidades de transformá-los em parceiros sexuais — excetuando o caso de entendimento mútuo, isto é, de semelhança em tudo aquilo que não for encarado como especificamente sexual. Os antagonismos especificamente sexuais podem ser mais ou menos gerais ou mais ou menos individuais, o que quer dizer que podem ser relativos a todo o sexo oposto ou a uma determinada pessoa do sexo oposto. Por exemplo, os homens de barba espessa, cabelos no peito, ombros largos, cadeiras estreitas, membro grande, são geralmente mais cobiçados para parceiros. As mulheres de pele fina, busto farto, cadeiras largas, são geralmente preferidas pelos homens para relações sexuais. Quanto maior for o número de antagonismos individuais acrescentados, tanto mais ideal a ligação sexual. Não é por acaso que se tornou conhecida a fascinação exercida por pessoas de olhos azuis sobre as de olhos castanhos, ou de pessoas louras sobre morenas. Por este motivo, todos procuram ressaltar com habilidade o seu antagonismo com o sexo oposto ou com determinada pessoa do sexo oposto. Se não existir nenhuma, procurarão pelo menos simular alguma, fazendo, por exemplo, desenvolver os músculos pelo treinamento, usando busto de borracha, cortando curto o cabelo ou deixando que caia até à cintura, etc.

Também as assim chamadas maneiras "tipicamente masculinas" ou "tipicamente femininas" de agir, têm, aqui sua origem, sempre por meio de simulações, criadas consciente ou inconscientemente, de qualidades específicas sexuais. O riso raro ou fácil, a palavra avara ou fluente, o passo de cadeiras ondulantes ou não, fazem as pessoas parecerem mais "másculas" ou mais "femininas". O fato de acompanharem a moda ou serem

postas de lado, logo que necessário, prova que são simuladas. As mulheres dos filmes antigos são "femininas" de maneira bem diversa das mulheres dos filmes de Truffaut ou de Goddard. Uma mulher que se comportasse hoje como uma "vamp" dos anos 20, pareceria mais ridícula do que feminina aos olhos dos homens.

As leis biológicas prescrevem a mescla de fatores biológicos extremos. Quem quiser ignorar ou contornar este fato, quem não possuir qualidades extremamente masculinas ou femininas e não procurar adquiri-las, tem poucas probabilidades de atrair o impulso sexual da parte contrária, isto é, possui poucas probabilidades de procriação.

Como já foi dito, ao antagonismo das qualidades especificamente sexuais deve-se somar a semelhança no restante. Naturalmente, o homem, na maioria dos casos, terá maior força física do que a mulher, o que é uma qualidade sexual específica, que faz com que se atraiam mutuamente. Porém, no momento em que a diferença for grande demais — se a mulher for tão fraca ou fingir-se tão fraca que a diferença das forças físicas não puder mais ser encarada como específica sexual — há o perigo de o instinto de proteção do parceiro mais forte vir a tolher seu instinto sexual. Ele terá receio de fazer mal à parceira e procurará poupá-la. Se à inferioridade física for somada a inferioridade mental, o parceiro sexual irá aos poucos se transformando em objeto de proteção. O ato sexual — normalmente uma espécie de luta corpo-a-corpo — somente então será possível por auto-domínio do mais forte e ficará prejudicado em sua essência. A paridade do nível intelectual e o antagonismo físico são condições primordiais para o amor entre o homem e a mulher.

O fato de pertencer à mesma geração, é uma boa garantia de semelhança em âmbito não especificamente sexual: entendemos por geração, o espaço de tempo decorrido entre o nascimento de um indivíduo e o de seu primeiro descendente, portanto, de mais ou menos vinte e cinco anos para a espécie humana. Além disso, sexualidade é uma questão entre adultos, mas se um dos parceiros tiver vinte e cinco anos a mais do que o outro, pertencendo assim à geração anterior, serão relativamente poucas as possibilidades para uma relação que satisfaça ambas as partes. Há casos, porém, em que a dinâmica especial de uma determinada pessoa consegue ultrapassar esta fronteira biológica por algum tempo, mas as exceções confirmam a regra. Não provam o contrário as freqüentes relações entre mulheres jovens e homens que pertencem a uma ou a várias gerações anteriores. Estas relações baseiam-se sempre nos mesmos pressupostos: abastança ou posição social de destaque do homem mais velho. Se algum mecanismo biológico jogasse as mulheres jovens e atraentes nos braços dos homens mais velhos, então também um pobre e velho inativo poderia ocasionalmente ser escolhido para casar-se com uma jovem rica.

AMOR DE CONVENIÊNCIA

Assim como o homem consegue racionalizar seu instinto de proteção à cria e transformá-lo em amor ao próximo também o impulso sexual poderá ser racionalizado. Ao contrário dos animais, o homem pode, por compromissos culturais ou religiosos, por medo às conseqüências ou por determinadas vantagens — como o casamento —, renunciar passageira ou permanentemente à atividade sexual. Em vez de reprimir seu impulso sexual, poderá corrigi-lo também por atos substitutivos ou transferências. Poderá, por exemplo, conscientizar-se que deseja o parceiro sexual X e, por causa dessa ou daquela qualidade, saber que não poderá ter X, somente Y. Este, por sua vez, não possui todas as qualidades sexuais que ele considera desejáveis. No entanto, seu desejo de atividade sexual é tão forte que mesmo assim deseja acasalar-se com Y. Esta espécie de racionalização do impulso sexual é o que chamamos de amor de conveniência, que é "amor por propósitos mais elevados".

Como o objeto de amor ao próximo é sempre um objeto de proteção incompleto, o objeto de amor de conveniência não poderá ser mais do que um parceiro sexual incompleto. O que quer dizer que se trata de um ser que, como parceiro sexual, não possui antagonismo suficiente, pois falta-lhe "feminilidade" ou "masculinidade" e, psiquicamente, sua semelhança não satisfaz — é tolo ou inteligente demais. Portanto, o parceiro sexual incompleto somente será desejável enquanto não houver disponível um parceiro completo ou se houver, embora provocado, um prêmio como dinheiro, posição social, companhia, procriação de objetos de proteção, etc.

A pornografia, as visitas a bordéis, a masturbação, o voyeurismo, são formas extremas de amor de conveniência. A abstração do verdadeiro amor vai tão longe que, neste ponto, chega a ser totalmente substituído por atos simbólicos.

TODOS OS IMPULSOS SÃO MANIPULÁVEIS

Resumindo: as qualidades que distinguem um objeto de proteção, são completamente opostas às quali-

dades de um parceiro sexual: o objeto de proteção e o protetor são exteriormente semelhantes, os parceiros sexuais são antagônicos, os objetos de proteção são física e espiritualmente inferiores a seu protetor, os parceiros sexuais são iguais entre si. Estas qualidades, de objetos de proteção e de parceiros sexuais, contraditórias em todo o sentido e reciprocamente rejeitáveis, condicionam os sentimentos, em todo o sentido rejeitáveis, que lhes manifestamos.

O único fato, grave, aliás, que esses sentimentos apresentam em comum, é o de serem por nós designados pelo nome de amor.

Voltemos ao nosso exemplo anterior, o da discussão, entre diretor e autor de um filme sobre o verdadeiro amor. O autor é de opinião que o verdadeiro amor deve exteriorizar-se no fato de um homem entregar sua mulher ao rival sem lutar, porque a felicidade dela é o que importa. Sabemos agora que isto é o verdadeiro amor, mas o verdadeiro amor ao próximo. Porque também entre o homem e a mulher, o amor ao próximo nada tem a ver com o amor entre um homem e uma mulher. Os sentimentos implícitos no amor ao próximo — abnegação, espírito de sacrifício, tolerância — são exclusivamente da espécie de sentimentos que se costuma dedicar aos objetos de proteção. O homem poderia dedicar sentimentos exatamente iguais a uma encantadora criança órfã. As características do amor ao próximo não são fáceis de serem descobertas somente porque o objeto de proteção é uma mulher, como acontece tanto quando os homens brincam de samaritanos.

Porque parece ser tão razoável a opinião que o autor do roteiro teve que assumir? Porque tão seguidamente o amor ao próximo é confundido com o amor

sexual? Porque a maioria das pessoas crê que também, e justamente em relação ao parceiro sexual, o mais importante é o altruísmo, considerando de somenos importância o puro, exigente e nivelante amor sexual? Porque as pessoas ficam com a consciência pesada se não dedicarem ao amante o mesmo sentimento que dedicam a um caso social — abnegação, espírito de sacrifício, tolerância — e confessam, encabulados, que não o amam "de verdade", quando o amam precisamente de maneira muito sexual?

Já vimos que, enquanto seguimos nossos impulsos, nada se complica: temos nossos filhos como objetos de proteção, nosso parceiro como objeto sexual. Mas o homem não é um animal: para estabelecer a diferença entre ambos, o homem pode reconhecer seus impulsos e dominá-los pela razão. Se quiser, poderá proteger objetos de proteção incompletos e acasalar-se com parceiros sexuais incompletos, podendo, também, se quiser, tratar os objetos de proteção como se fossem parceiros sexuais, e vice-versa.

Quando o amor entre um homem e uma mulher tiver sido alterado pela sua transformação em amor ao próximo, algo ou alguém deve ter ferido artificialmente um princípio intacto da natureza.

Procurando o autor do crime à moda detetivesca: quem tiraria proveito dessa manipulação?

Quem teria o poder de realizá-la?

Amor e poder

2

QUE É PODER?

O instinto de reprodução (impulso sexual) e o instinto de proteção à cria, em contraste com o instinto de conservação, são impulsos sociais. No instinto de de conservação, o objetivo do impulso é a própria pessoa, nos instintos de reprodução e de proteção à cria, o objetivo é uma outra pessoa. O que quer dizer que os instintos de reprodução e de proteção à cria nos tornam dependentes de outra pessoa, e vice-versa. Portanto, os instintos de reprodução e de proteção à cria são, ao mesmo tempo, a chave do poder e da fraqueza.

O poder consiste em alcançar o objetivo dos impulsos sociais sem usá-lo para a satisfação dos próprios instintos, o que terá por conseqüência a sujeição da outra parte a todas as exigências. *A fraqueza* consiste em situar em outrem o desejo ou a necessidade da satisfação dos próprios instintos sociais, sem conseguir a retribuição ou a atração dos instintos da outra parte, terminando pela própria rendição a todas as exigências. O poder alcançado será *parcial* ou *total* se o domínio for exercido sobre apenas um dos instintos, no caso o instinto social, ou sobre ambos. (Trata-se aqui do poder condicionado biologicamente. Mais tarde

falaremos sobre o poder psicologicamente condicionado.)

Para saber, portanto, quem exerce o domínio, bastará saber quem estaria em condições de manipular o instinto sexual ou o de proteção à cria, o que também é válido para a pesquisa de relacionamento entre grupos humanos: classes, raças, comunidades religiosas, gerações, sexos. Quem souber colocar-se sempre na posição inicial mais favorável — e conseguir atrair os impulsos sociais da parte contrária sem engajar-se — será o parceiro dominador.

Como o instinto sexual e o de proteção à cria são os instintos sociais mais importantes somente será possível estudar basicamente a questão do poder em conexão com sexo e geração. O verdadeiro domínio poderá ser apenas exercido pelo objeto de proteção ou pelo objeto sexual. (No sentido de política de poder, também o parceiro sexual é objeto). Além disto, tudo aquilo que ainda for designado como poder, baseia-se na violência, isto é, na força física. *A quem usar a violência, servirei coagido — a quem exercer o poder, servirei voluntariamente.* Um adulto de meu próprio sexo, uma classe social, uma raça diversa, um grupo político, poderão no máximo exercer violência sobre mim, isto é, somente poderão dominar-me se forem mais fortes do que eu. No entanto, serei dominado por aquele que for o objeto, necessário ou não, de meu instinto sexual ou de meu instinto de proteção à cria. Mesmo sendo ele mil vezes mais fraco do que eu, farei sempre tudo aquilo que exigir de mim. O domínio, portanto, depende verdadeiramente do poder; a violência está em segundo lugar e não tem a mesma eficácia.

QUEM TEM PODER?

Se os instintos de proteção à cria e de reprodução decidem sobre o poder e a fraqueza, há entre os homens três grupos potenciais de poder:

a) as crianças (objetos de proteção) — dominam seus protetores, isto é, os homens e mulheres que cuidam delas.
b) os homens (objetos sexuais) — dominam as mulheres que os desejam, mas não conseguem o mesmo em relação às crianças (sobre quem poderiam exercer apenas a força).
c) as mulheres (objetos sexuais) — dominam os homens que as desejam, porém, não têm poder sobre as crianças (sobre quem poderiam apenas exercer a força).

Por este esquema básico, não haveria poder absoluto de um homem sobre outro: os homens e mulheres seriam dominados mutuamente pelo instinto sexual e as crianças dominariam parcialmente os pais por meio do instinto de proteção à cria.

No entanto, já vimos que o homem, em oposição ao animal, pode dominar seus instintos pela razão. Isto é, enquanto manipula os próprios instintos, ou os alheios, consegue maior poder biológico do que lhe seria próprio. As mais importantes modalidades de manipulação seriam:

a) a dos objetos de proteção, que podem ampliar o poder sobre seus protetores ao se transformarem oportunamente também em seus parceiros sexuais.
b) a dos parceiros sexuais que podem ampliar seu poder ao se transformarem oportunamente também em objeto de proteção do outro parceiro.
c) a dos parceiros sexuais, que podem ampliar mutuamente seu poder ao dominarem o próprio instinto, a fim de colocar o outro parceiro sob dependência sexual unilateral.

Admitindo a hipótese de que a ânsia de poder é condição humana generalizada e que cada um dos três grupos de poder procurará, portanto, aumentar seu domínio por meio da manipulação dos instintos de reprodução e de proteção à cria, qual dos três grupos — crianças, homens, mulheres — teria melhores condições para tanto?

As *crianças* somente poderiam aumentar teoricamente seu poder propondo-se para parceiros sexuais de seus protetores, o que não seria possível, pois a sexualidade pressupõe maturidade sexual. Por este motivo, as crianças somente poderão dominar seus protetores por meio do instinto de proteção à cria. Seu poder é limitado por motivos biológicos.

Os *homens* somente poderiam aumentar seu poder pelo auto-domínio em relação ao instinto sexual, afastando assim as mulheres em dependência sexual unilateral. Dificilmente os homens poderiam atrair o instinto feminino de proteção à cria, por serem quase sempre superiores às mulheres, tanto no plano físico como no intelectual. Assim sendo, o domínio absoluto dos homens sobre as mulheres somente poderia ser conseguido em casos excepcionais.

As *mulheres* poderiam aumentar teoricamente seu poder, dominando o próprio instinto, afastando assim

os homens em dependência unilateral. Como são geralmente inferiores aos parceiros, tanto física como intelectualmente, poderiam atrair o instinto masculino de proteção à cria, tornando-se desta maneira o único grupo detentor da possibilidade de, ao mesmo tempo, exercer atração como objeto de proteção e parceiro sexual, como grupo inferiorizado e antagônico. Dos três grupos de poder, seriam o único a ter possibilidade de dominar totalmente outro grupo — o dos homens. Numa época em que todos aspiram ao poder, seria absurda a idéia das mulheres renunciarem voluntariamente a ele.

O PODER DO MAIS FRACO

Dizíamos que o objeto de proteção precisa ser dependente e semelhante. Apenas sob duas condições poderá uma mulher vir a gozar do privilégio de ser um objeto de proteção, se assim o quiser: deve ser mais fraca do que o homem que deseja para protetor, e mais tola. Se estas condições não existirem espontaneamente, deverão ser pelo menos simuladas. A outra condição — semelhança física com o protetor — não pode ser preenchida pela mulher. Portanto, ela terá que propor-se ao homem escolhido para protetor como uma espécie de mulher fictícia, como objeto incompleto de proteção. Isto é, deverá procurar transformar-se em objeto de amor ao próximo masculino.

A maior dificuldade que se apresenta nesta manipulação dos instintos é a de evocar no protetor em potencial a impressão de fraqueza física. Pois a mulher é de construção bastante forte: os seios grandes, as ancas largas, as coxas carnudas da maioria, lembram

muito mais as matronas de Picasso do que os delicados manequins de propaganda das revistas. Além disso, as mulheres são mais resistentes do que os homens: as estatísticas revelam maior mortandade entre os meninos e, apesar do corpo feminino desgastar-se mais pela menstruação, pela gravidez e pela menopausa, as mulheres, nos países civilizados, sobrevivem aos homens entre 5 a 7 anos, em média. A inferioridade biológica da mulher é, portanto, muito relativa: manifesta-se apenas na força física, em nada mais. Esta insignificante inferioridade deve ser grandemente valorizada na manipulação dos instintos, enquanto a superioridade existente em todas as outras áreas biológicas deve, pelo contrário, ser minimizada.

A única fraqueza da mulher é repetidamente posta em relevo quando evitam carregar, levantar ou remover pesados fardos na presença dos homens. Quando choram por qualquer motivo, parece que seus nervos são menos resistentes do que os dos homens. Quando se envolvem em tecidos suaves e apresentam aspecto doentio por meio de maquilagem, acredita-se que estejam quase sendo vítimas de um colapso. Não faz muito tempo, o desmaio fazia parte da encenação. Principalmente quando apresentada na presença de homens mais velhos e de compleição mais forte, a fragilidade simulada se tornará ainda mais acentuada.

Tudo dependerá, portanto, em exagerar, tanto quanto possível, a diferença de forças já existente entre protetor e protegido. O protetor de mais a mais não chegará a reparar na maior força física de sua mulher: quando ela tornar-se realmente aparente, ele já estará morto. Cite-se o exemplo da viúva norte-americana que em média, morre somente onze anos depois de quem a sustentou por toda a vida.

O PODER DO MAIS TOLO

O ponto mais alto da luta feminina pelo instinto masculino de proteção à cria é, todavia, sua inferioridade intelectual. A diferença de forças, somente, seria insuficiente para transformar uma mulher em objeto de proteção de um homem determinado. Apesar de todos os esforços, ao confrontar-se com ele, não pareceria mais necessitada de proteção do que um chinês ao lado de um sueco — o que não é suficiente para conceder a um adulto o gozo dos privilégios de uma criança. A mulher somente poderá tornar-se irresistível para um homem se for mais fraca e mais tola do que ele. Se quiser que ele a mantenha, terá que tomar precauções para não desenvolver o intelecto. Se, por descuido, desenvolver a inteligência apesar de tudo, terá que procurar ocultar o fato, pelo menos até que o homem tenha legalizado em cartório suas intenções de garantir-lhe o futuro.

Ao contrário do que acontece com a inteligência, há vantagem em não esforçar-se demais para parecer tola, pois tolice não se adquire, é inata. No estágio atual da ciência, ficou provado que um homem e uma mulher sadios, pobres ou ricos, pretos ou brancos, nascem com as mesmas qualidades intelectuais, que podem vir a ser bloqueadas em seu desenvolvimento por falta de estímulo ou de competição. A falta de estímulo é consequência da pobreza e acontece nas mais baixas camadas sociais. A falta de competição é causada pelo conforto e costuma acontecer entre as mulheres. O casamento significa sempre o amparo e o sustento da mulher por parte do homem. Como já antes da puberdade as mulheres decidem que algum dia se casarão, não necessitam competir e por isto não procuram aprimorar seus conhecimentos, pois sabem que não farão uso deles.

Antigamente, aliás, as mulheres davam ainda menos importância do que as de hoje ao desenvolvimento de suas íntimas qualidades intelectuais. No tempo em que o trabalho fora de casa exigia grande força física, quando ainda se vivia da caça, as diferenças de opinião eram resolvidas com a espada e as casas eram construidas com próprias mãos — então era o homem, e não a mulher, quem enfrentava a luta pela vida e era obrigado a desenvolver a inteligência pelo trabalho prático. A mulher ficava presa ao lar, pois as crianças eram muitas e, como não havia possibilidade prática de controle da natalidade, a mulher passava a maior parte do tempo em estado de gestação. As esferas de trabalho masculino e feminino eram então inconfundíveis. A situação, entretanto, modificou-se. Nos países industrializados estão reduzidos ao mínimo os trabalhos que ainda exigem esforços físicos e que seriam demasiado pesados para a mulher. A gravidez, atualmente, pode ser evitada — a família tornou-se muito pequena e o cuidado aos lactantes também pode ser atribuído aos homens desde que foi descoberto o leite materno artificial. Em outras palavras: hoje em dia qualquer mulher poderá sustentar sua família como o homem faz, e, pela competição com outros encarregados do sustento do lar, tornar-se tão capaz como o exige a igualdade entre os sexos. As duas ou três gravidezes que a estatística atribui a cada mulher, não representariam nenhum impecilho por significarem apenas a interrupção do trabalho, por duas ou três vezes, durante o espaço de quatro semanas, mais ou menos, para amamentar o bebê. As gravidezes também não seriam justificativa suficiente para poupar a mulher do serviço militar. O homem e

a mulher podem partilhar, praticamente, todos os seus deveres.

Se a mulher quiser continuar intelectualmente inferiorizada, a fim de tornar-se mais necessitada de proteção — é evidente que o quer! — terá que lançar mão de uma artimanha. Como não fica bem dizer a um homem que deve ir trabalhar em seu lugar por ser mais forte, a mulher procura educá-lo no sentido de que ele não venha jamais a pensar em mandá-la ao trabalho em seu lugar. Ensina o filho dizendo: " o verdadeiro homem é aquele que sustenta a mulher e os filhos". Como os homens não costumam educar ninguém, não podem vingar-se ensinando o mesmo a suas filhas. E assim elas continuam sendo mais tolas do que os filhos.

As feministas foram as únicas a fazer a experiência da motivação para o trabalho externo e o desenvolvimento intelectual, a ele ligado. "A verdadeira mulher deve realizar-se", é o que dizem, "e somente o conseguirá pela dedicação ao trabalho externo, como o homem". O truque, porém, é pouco sutil para enganar as mulheres, que não são tão ingênuas como crêem as feministas. Trabalhar "como um homem" seria trabalhar com o objetivo do sustento da família. Quando há crianças, ambos não poderão trabalhar, terá que ser *ele* ou *ela*. As mulheres sempre conseguiram evitar que a escolha recaísse sobre *elas:* apesar de já terem conquistado há meio século o direito de exercer qualquer profissão, até hoje ainda não se ouviu dizer que uma mulher, por sua livre vontade, tivesse sustentado, sozinha, durante toda a vida, a um homem sadio e aos filhos de ambos. Hoje em dia, a mulher trabalha apenas quando não tem marido ou, se o tem, quando ele não ganha o suficiente. Também pode trabalhar para distrair-se, "para ter gente à sua volta". Como dificilmente enfrentará uma séria competição no âmbito de seu trabalho, sua inferioridade intelectual permanecerá intacta. A posição subalterna ocupada pela maior parte das mulheres que trabalham, não é decorrente da "pressão que elas sofrem por parte dos homens", e sim do medo que a grande maioria delas tem ao trabalho. Querem trabalhar apenas ocasionalmente e, por este motivo, não se esforçam desde o início da carreira ou não se capacitam para o exercício da profissão. Não se dá prazeirosamente uma posição de responsabilidade a uma mulher que vê no trabalho apenas um intervalo entre a escola e o casamento. Esta assertiva também é válida para as que encaram o trabalho como um "hobby", por não precisarem de dinheiro. Assim sendo, seu colega masculino inspira mais confiança, pois para ele o trabalho é algo sério. Não será culpa dos homens se esta imagem assim criada vier prejudicar as poucas mulheres dispostas ao trabalho. Como poderá o patrão saber que está tratando com uma daquelas raras exceções, que enfrentam sua profissão com seriedade e não pretendem abandoná-la na primeira oportunidade que se apresentar?

Portanto, apesar dos velhos tempos já terem passado, o monopólio do busto e da vagina permite à mulher, além disso, a escolha de seu próprio nível intelectual. A mulher é tola porque quer ser tola, o homem é inteligente porque precisa sê-lo. Colocando de maneira diversa o problema: a mulher é um homem que não precisa ser homem, o homem é uma mulher que não pode ser mulher. Caso os homens pudessem escolher livremente, como as mulheres, continuariam sendo tão tolos quanto elas. Alguns homens desconhecem esta relação entre causa e efeito, e desprezam as mulheres por sua falta de inteligência, o que é compreensível,

pois como poderiam confessar a si mesmos que suas múltiplas facetas são aproveitáveis apenas assim como são ou de nenhum outro modo.

Acontece que, para a mulher, em toda esta manipulação, a burrice não lhe parece um palavrão: inteligência é algo que poderia ter, se quisesse. A prova está em que ela não esconde sua inferioridade intelectual, que lhe serve para atrair o instinto masculino de proteção à cria. Chega até a vangloriar-se dela. As únicas que não suportam ser tratadas como débeis mentais, são as mulheres que possuem uma escala de valores pronunciadamente masculina. Mas elas são raras, pois é necessário que tenham sido educadas pelo pai, o que quer dizer que precisariam ter tido uma mãe que trabalhasse para sustentar o marido e os filhos, pelo menos durante o espaço de dez anos.

O PAR IDEAL

Ser o objeto de proteção de um homem, significa ser sustentada por ele — representa, pois, segurança material. Ser a parceira sexual de um homem, significa ser desejada por ele — representa prazer. Daí se depreende que as mulheres, por escolherem homens que lhes são superiores, dão maior valor à segurança do que ao prazer e que o amor ao próximo, que o homem lhes dedica, é para elas mais importante do que o amor.

Poderia ser casual o fato de as mulheres preferirem homens maiores e mais fortes do que elas, o que é muito comum. Também poderia ser casual o fato de as mulheres preferirem homens que sabem mais do que elas, o que é necessário pela luta competitiva que eles

enfrentam e da qual a maior parte das mulheres é poupada. Não se trata, porém, de nenhum acaso, o fato de as mulheres preferirem homens mais velhos do que elas. Também não será nenhum acaso o fato de, num casal, todas estas qualidades estarem tão nitidamente destacadas: a mulher menor, mais fraca, mais tola, mais jovem; o homem maior, mais desenvolvido, mais forte, mais inteligente, mais velho.

O par ideal — o casal em que o homem é superior à mulher em todos os sentidos — é uma criação feminina. Quando podem, as mulheres também escolhem. É como nos negócios: o homem faz sua oferta, a mulher escolhe o melhor. Se escolher um homem que lhe seja superior, seu sustento estará garantido para sempre. Se escolher um que lhe seja inferior, ele não poderá cuidar muito bem dela e nem desejará fazê-lo, achando que sua parceira não necessita tanto assim de proteção.

Os jovens ainda pouco desenvolvidos e fracos aprendem já na puberdade o quanto é difícil encontrar uma amiga. Quando ficam mais velhos, comprovam definitivamente a inferioridade feminina. Se quiserem encontrar uma mulher atraente, precisam ter muito sucesso profissional. Talvez seja esta a causa de atribuir-se comumente aos homens pequenos uma grande dose de ambição e de energia.

Os homens simplórios ou malogrados profissionalmente nunca conseguem mulheres de capacidade intelectual superior à sua, nem mais bem sucedidas. A mulher casa sempre acima de sua escala social, o homem, abaixo. Os médicos casam com enfermeiras, as médicas com médicos-chefes, jamais com enfermeiros. Os executivos casam com suas secretárias, as executivas preferem ficar solteiras a aceitar uma "mésalliance"

com um assistente de ante-sala. Até as jovens que trabalham não aceitam um homem de situação profissional idêntica à sua. A aeromoça casa com o piloto ou com o homem de negócios, jamais com o comissário ou com o "garçon" de bordo. As elegantes jovens das "boutiques" nunca pensariam em perder tempo com o colega do ramo de modas masculinas. "É preciso que o homem possa me proteger", é a ladainha — "e só poderá fazê-lo se for mais forte e mais inteligente do que eu", "será necessário ter que levantar os olhos para ele". As mulheres costumam oferecer-se aos homens assumindo as atitudes de uma filha, a prova é a diferença de idade entre os casais. Apesar de não existir nenhum impedimento para que as mulheres casem com homens mais jovens, a diferença média entre os casais é de quatro anos a menos para mulher. No entanto, o contrário seria muito mais racional do ponto de vista biológico, já que, dependendo dos países onde vivem, as mulheres têm, em média, 5 a 7 anos de vida a mais do que os homens. Segundo Johnson e Masters, a mulher conserva sua capacidade sexual praticamente durante toda a vida, ao passo que o homem a perde entre sessenta a setenta anos. Para não terem que renunciar ao sexo durante uma boa parte de suas vidas, as mulheres deveriam casar com homens mais jovens. Elas, porém, não se deixam influenciar pelos fatos. Escolhem homens mais velhos porque não procuram um amante, mas um patrocinador. Um homem de trinta anos tem maior capacidade financeira para alimentar uma mulher de vinte — alimentar em sentido lato, naturalmente — do que um ginasiano. Na melhor das hipóteses, o ginasiano poderia figurar ao lado do protetor apenas como amante. Presumindo que o protetor não esteja a par dos fatos, caso contrário poderia perder o entusiasmo pela empreitada...

Muitas mulheres começam a negar a idade antes dos trinta, o que demonstra a importância que dão ao desempenho do papel de crianças, que costumam representar. Negar a idade já se tornou um fato tão normal, que, em muitos países, nem consideram crime a falsificação de documento quando essa falsificação se restringe unicamente à modificação da idade da mulher. Todo homem sabe que é falta de educação perguntar a idade de uma senhora. Além disso, a pergunta nem teria sentido, pois seria recriminado ou receberia uma resposta mentirosa. Muitas empresas comerciais adotam o sistema de divulgar listas de aniversário de seus colaboradores, para que todos possam felicitar-se mutuamente. As colaboradoras, no entanto, figuram na lista apenas com o dia e o mês do aniversário, sendo o ano substituido por pontinhos.

Naturalmente, também existe outra explicação: dizem as feministas que a sociedade impiedosa é quem obriga as mulheres a estas manobras. Mas, porque às mulheres e não aos homens? Uma mulher, porém, que procure beneficiar-se financeiramente assumindo atitudes infantis, terá de certo, de ostentar uma eterna juventude. Ao procurar aparentar menos idade, sugerindo assim aos homens que a juventude é a mais valiosa das qualidades femininas, não está seguindo um impiedoso imperativo da sociedade, mas discriminando impiedosamente todas as mulheres que são, ou aparentam ser, mais velhas do que ela e que representam uma importante fração da mesma sociedade. Deve-se ainda dizer que, desta maneira, ela contribui para que se acuse o seu sexo de falta de sinceridade, o que, aliás, bem pouco lhe importa. Assim como não lhe faz diferença que os homens a considerem intelectualmente inferior, também não se importa em ser considerada pouco sincera. Em sua escala de valores, a sinceridade e a

inteligência ocupam lugares poucos importantes. Interessa-lhe apenas parecer desprotegida, pois o desamparo é uma qualidade que, como nenhuma outra, mobiliza o instinto de proteção à cria. O sentimento de honra não é uma qualidade feminina, mas as mulheres bem pouca importância dão a isto.

A ADOÇÃO

Em contraste com os filhos carnais, que são protegidos automaticamente, as mulheres se constituem em objetos incompletos de proteção. O homem, ao conferir proteção a uma mulher, tem intuitos elevados, mas precisa primeiramente conscientizar-se de que se trata de um ser ao desamparo. Portanto, toda mulher é concorrente de qualquer outro objeto de proteção. Os órfãos, os velhos, os enfermos, os doentes mentais, os pobres, os cachorros novos e os gatos vadios são fundamentalmente mais necessitados de proteção do que as mulheres. O problema mais importante consiste, por este motivo, em desviar o homem desses outros objetos de proteção e levá-lo a desejar aplacar somente nas mulheres o seu improdutivo instinto de proteção à cria.

O que não é tão difícil como nos poderia parecer agora: a maior parte da humanidade pratica o amor ao próximo mediante retribuição em dinheiro, posição social, companhia, vida eterna. Se as mulheres oferecerem uma gratificação interessante como recompensa pela proteção recebida, poderão contar com o amor ao próximo por parte dos homens. E é exatamente o que fazem. Pois, entre os objetos incompletos de proteção, são elas as únicas em situação de satisfazer o segundo impulso social masculino — o instinto sexual. Segundo

o ponto de vista masculino, esta recompensa supera qualquer outra. Oferecendo-se, portanto, como objeto incompleto de proteção, a mulher jamais conseguirá chegar a ser um perfeito parceiro sexual, apesar da aparência contrastante pois falta-lhe o nível intelectual necessário para o desempenho da função. Como o homem, porém, dificilmente encontra uma parceira sexual que tenha realmente a aparência feminina somada à inteligência masculina, fica sem escolha. Para não ficar sem nada, terá que aceitar o amor ao próximo em lugar do amor filial e o amor de conveniência por amor sexual. Sua salvação será uma mulher imaginária, meio objeto de proteção, meio parceiro sexual, meio criança, meio mulher. "Apesar de não ser a bem-amada de meus sonhos", dirá ele, "mesmo assim posso dormir com ela e, além disso, sem mim estaria tão desamparada". Para ser como sua filha, falta-lhe a necessária semelhança. Porém, resta-lhe a inferioridade física e intelectual. Para uma verdadeira parceira sexual, fala-lhe a necessária dose de inteligência, mas a sua aparência é tão contrastante quanto possível.

Em outras palavras: embora criando uma situação falsa, o homem prefere interpretar o papel de pai junto a uma pessoa adulta, que lhe ceda o corpo ocasionalmente para relações sexuais, do que renunciar totalmente à satisfação de seus dois mais importantes impulsos sociais. Como não encontra a mulher ideal *para o casamento*, aceita uma das muitas que são diariamente cedidas pelos próprios pais *para adoção*, prometendo em pomposa cerimônia, que, em substituição ao pai carnal, cuidará de seu bem-estar. É bem possível que nem se importasse se, por acaso, o padre ou o escrivão lhe perguntassem sobre sua disposição em aceitar "esta mulher" em vez da criança. O principal é que a

menina vestida de branco, e de buquê na mão, diga o sim muito depressa. O resto não importa. Ele sabe que, de qualquer maneira, trata-se de uma adoção: a criança reconhece o novo pai, passa a usar seu nome e a viver de seu dinheiro. Para que ele não venha a ter a idéia de procurar outra mulher, de vez em quando ela se prestará a interpretar o papel de amante. Depois do nascimento do primeiro objeto real de proteção, o poder da "filha adotiva" será tão forte, que tornará relativamente pequeno o perigo de perder o pai adotivo para uma mulher de verdade.

Então, o papel de amante, que servia de engodo, vai sendo negligenciado e chegará o dia em que somente os filhos de ambos farão ainda com que se lembrem de ter mantido relações sexuais em outros tempos.

O PODER DO MAIS FRIO

Quando a mulher prefere o papel de criança ao de amante, o primeiro passo dado condicionará as situações futuras. A "criança" não poderá, em hipótese alguma, demonstrar demasiado interesse pelo sexo, a fim de não ficar desacreditada nem perder os privilégios infantis. A mulher que quiser "bancar" o objeto de proteção de seu marido, terá que dominar, de qualquer maneira, o seu instinto sexual. Com o homem que lhe parecer adequado para exercer o papel de pai, em caso de necessidade, terá que saber controlar o seu desejo de sexo, o que não precisa fazer com aquele que excita e descontrola seus sentidos. Terá também que saber negar-se ao homem escolhido para "pai" até que ele a adote ou, pelo menos, demonstre claramente a intenção de fazê-lo. Transformando-o em parceiro sexual, perderá todo o poder sobre ele, pois, nesta condição,

ele perderia a disposição de apelar para o seu instinto de proteção à cria — e o que faria ela com um amante que quisesse poupá-la? Dominada pelo instinto sexual, ela se tornaria dependente dele, e vice-versa.

Dizíamos que conservar-se tola é puro luxo e não exige nenhum esforço. Conservar-se indiferente também exige auto-disciplina, mas mesmo assim a mulher considera válido o esforço. Do mesmo modo que o homem e a mulher nascem com as mesmas qualidades intelectuais e com os mesmos instintos de conservação e de proteção à cria, trazem consigo também a mesma disposição para a vida sexual ativa. Mas o desejo de sexualidade pode ser condicionado — as freiras e padres servem de exemplo. Por serem mulheres, as freiras iniciam muito mais cedo do que seus colegas masculinos o treinamento da repressão sexual e, por isto, acontece entre elas menor número de escândalos e deslizes.

As outras mulheres não precisam dominar-se a este ponto. Até pelo contrário, a frigidez total seria contraproducente. Poderia levá-las ao completo desinteresse pelo sexo nos casos de permuta pelo privilégio de objeto de proteção. Uma pesquisa * feita entre milhares de italianas de todas as camadas sociais, divulgada recentemente, demontrou o quanto a repressão do instinto sexual pode levar à frigidez. Inquiridas sobre sua atiude em relação ao sexo, 36% de mulheres entre 20 a 50 anos declaram não nutrir qualquer interesse pelas relações conjugais, preferindo até renunciar a elas. Tamanha frigidez sexual é excessiva e perturbadora. O importante é apenas ser o mais frio dos parceiros — pois aquele cujo instinto sexual é mais fraco, é sempre o parceiro dominador.

* Doxa, Roma, 1974.

A frigidez parcial, hoje em dia, não traz mais inconvenientes. Antigamente, uma mulher frígida, que não alcançasse o orgasmo, teria que conformar-se e continuar nestas condições. Hoje, o parceiro dessa mulher terá que procurar compensá-la pelo desejo insatisfeito. Na era dos "playboys", para ser considerado um bom amante, o homem terá que levar a mulher fria — que não o deseja, portanto — à culminância sexual. A técnica a ser adotada, encontra-se nos mais variados manuais populares. Apesar da culminância sexual exclusivamente mecânica poder ser provocada por qualquer pessoa, inclusive pela própria mulher — o homem moderno ainda vê na aplicação eficaz de uma técnica determinada o sinal de seu poder de sedução.

Seria o caso de indagar se, para as mulheres, valeria a pena trocar o amante por um pai, o que parece sem sentido, pois o grande número de mulheres que se casam com homens muito mais velhos; até com homossexuais, responde por antecipação. Poderá haver muitos motivos para que as mulhres se dediquem a homens sessentões mas jamais o sexo. Um homem de sessenta anos já não possui condições fisiológicas para satisfazer o apetite sexual de uma mulher normal de vinte ou trinta. Se ele conseguir satisfazê-la, ainda assim, é porque este desejo sexual absolutamente não existe — quer dizer, a deficiência é antes dela do que dele.

Segundo opinião muito difundida entre os homens, a experiência sexual os torna muito mais atraentes, o que é aparentemente comprovado quando um senhor bem situado na vida conquista o coração de uma jovem. Porém, esta opinião carece de qualquer fundamento real.

A prova inequívoca de que as mulheres são o sexo mais frio, está no fato de não haver prostituição masculina. Os poucos bordéis para mulheres, existentes atualmente em várias cidades, são frequentados por homossexuais, que os desvirtuam à falta de clientela feminina. O que não quer dizer que elas sejam tão interessadas em sexo quanto o homem médio. Encontram interessados por toda parte, não necessitam frequentar os bordéis porque vivem neles.

As feministas, no entanto, afirmam que a mulher burguesa não frequenta os bordéis por sentir-se envergonhada. Mas é exatamente esta classe de mulher que menos se envergonha em satisfazer seus desejos. Basta lembrar o grande número de componentes das classes média e alta que veste casacos de pele cuja execução envolve técnicas bárbaras. A matança anual de focas é sempre comentada pela imprensa. O "breitschwanz" persa é a pele do cordeiro extraído do ventre da ovelha "karakul" por meio do abordo provocado. Será necessário praticar dúzias desses abortos para poder confeccionar um casaco. O feitio do modelo determinará o número de vítimas. Portanto, será absurdo pensar que uma pessoa, que, apesar de já ter sentido pessoalmente o que representa carregar dentro de si uma criança e, ainda assim, não hesita em exibir-se com casacos confeccionados com peles de animais abortados, possa vir a envergonhar-se em frequentar uma casa de tolerância a fim de aplacar o seu inato apetite sexual.

OS PAIS NÃO TÊM AUTORIDADE

Os filhos não *amam* seus pais, apenas se sentem presos a eles: precisam deles e, às vezes, chegam até a achá-lo simpáticos. Se os pais souberem dar à satis-

fação de seu instinto de proteção à cria uma feição de sacrifício não tão natural, poderão viver por muito tempo gozando os sentimentos infantis de culpa e gratidão. Isto, porém, não é amor, nem pode ser amor: se o amor filial se equiparasse ao amor paterno, a vida se extinguiria, pois os filhos ficariam sempre com seus pais. Geralmente eles abandonam a casa paterna o mais cedo possível e procuram objetos de proteção próprios. Muitos não retornam ao lar ou fazem-no apenas por dever.

Os filhos virão a amar verdadeiramente a seus pais somente com o envelhecimento gradual e o sentimento de desamparo. Quando a fraqueza física, a inferioridade intelectual e a semelhança se encontrarem, o filho adulto poderá vir a amar seu velho pai como um verdadeiro objeto de proteção. Naturalmente, então, o amor paterno já terá passado, pois, em relação ao objeto de proteção, o amor é sempre unilateral e quem ama é sempre o protetor. O objeto de proteção aceita quem o quiser proteger, e não se importará em trocar o protetor quando encontrar quem lhe ofereça melhor proteção. Não haverá investimento de sentimentos muito profundos, o máximo que se poderá esperar, será uma certa lealdade, pois, por parte do protegido, trata-se apenas de instinto de conservação que, por sua própria essência, não é mais do que um instinto anti-social. Caso ele se fixasse em determinada pessoa, a quem algo acontecesse, o protegido pereceria.

Ao casar com uma mulher que lhe seja inferior — ao "adotar" uma mulher — o homem, desde o início, poderá contar apenas com simpatia e gratidão, pois ela não poderá dar-lhe mais do que isto. A mulher ocupa uma posição ainda mais vantajosa do que a criança — por não ser uma verdadeira criança e poder cuidar-

-se tão bem quanto o homem. Ela permite que o marido a proteja, porque isto representa uma gentileza, que vem ao encontro de seus desejos pessoais e que poderá ser recusada a qualquer tempo. Por isto, faz exigências especiais: o tratamento oferecido deverá ser de primeira classe, senão encontrará outro ou, conforme as circunstâncias, passará até a cuidar de si mesma. Em contraste com o verdadeiro, o pai adotivo de uma mulher não tem probabilidade de, na velhice, transformar-se no verdadeiro objeto de proteção de sua filha imaginária. O máximo que chegará a alcançar, será a condição de objeto incompleto de proteção, o que quer dizer que, com muita sorte, poderá vir mais tarde a gozar do "amor ao próximo" feminino.

Como *prêmio*, deixa-lhe sua herança e a mensalidade que lhe será paga normalmente, também, depois de sua morte, à qual ela sobreviverá, segundo estatísticas, durante seis anos, somados aos que tem a menos do que ele.

Deixando de lado a mulher poder-se-ia dizer que o protetor, que mantém seu protegido, poderia vir a extorqui-lo. Mas é justamente o que não pode fazer. Pois, se pudesse, não teria lhe dado proteção desde o início. Afinal, não é nenhum prazer trabalhar para os outros. O instinto de proteção à cria é tão fundamental, que ninguém poderá fugir-lhe. Nem as mulheres conseguirão condicioná-lo porque seu instinto de proteção à cria raramente exige esforços maiores. Mesmo tendo partido delas o desejo de ter filhos — para o marido, o lugar da filha já está preenchido pela mulher — mesmo assim o homem será sempre o responsável pela proteção. O instinto de proteção à cria é polivalente, isto é, permite a exigência de vários objetos de proteção ao

mesmo tempo. Com o nascimento do primeiro objeto real de proteção, a mulher sobe exclusivamente à categoria de filha mais velha de seu marido. Portanto, a mulher que dá à luz, consegue dupla vantagem: satisfaz seu instinto de proteção à cria e, ao mesmo tempo, solidifica as bases da própria proteção. Sendo mãe de objetos reais de proteção, é merecedora de amparo, mesmo se não parece mais tão desamparada como seria desejável para o desempenho do papel.

O poder dos filhos sobre os pais — o poder do mais 'fraco' biologicamente sobre o biologicamente mais forte — é um princípio da natureza. Como as crianças não podem proteger-se a si mesmas, morreriam de fome se não dominassem os sentimentos dos adultos. É natural que os pais se joguem no fogo ou nas correntezas mais fortes para salvar seus filhos do perigo. Também tornou-se natural que os maridos sigam para a guerra a fim de salvar suas mulheres, porque o homem que faz o papel de pai de sua mulher, perde o poder sobre ela.

A FRAQUEZA DO AMANTE

Se o homem estivesse interessado em dominar a mulher, teria somente um caminho a seguir: o do condicionamento do instinto sexual, a exemplo do que ela faz.

Se ele conseguisse demonstrar a mesma frieza, ela jamais voltaria a iludí-lo sobre sexo. Nem como parceira sexual lhe seria possível dominá-lo, porque então sua dependência, por pequena ou grande que fosse, estaria em igualdade de condições. Se os homens se dispusessem a praticar uma abstinência passageira, sob determinadas condições, seria até possível normalizar

o instinto sexual feminino. Talvez então até viessem a ser mais cobiçados pelas mulheres do que elas são desejadas pelos homens. Ainda assim eles não conseguiriam poder absoluto sobre elas — somente em casos excepcionais o homem virá a transformar-se em objeto de proteção — mas teriam chegado consideravelmente mais próximo da paridade de direitos entre os sexos.

Mas, pelo menos, parece que os homens capitulam de antemão ante a extensão da frieza feminina. De qualquer modo, também não se poderá afirmar que as mulheres sejam discretas quanto às suas manifestações de frialdade. Antes diziam que "todos os homens querem sempre a mesma coisa", como quem confessa não dar muito valor, chegando até a detestar "aquilo". Atualmente falam mais claro: os cientistas que provam que elas podem chegar a cinquenta orgasmos diários, enquanto a média masculina não passa de cinco, e que, aos noventa anos, elas chegam sem esforço ao orgasmo, enquanto os homens muitas vezes já aos sessenta enfrentam as maiores dificuldades para lá chegar, são festejados como "estrelas" nas revistas femininas e órgãos da campanha feminina. Notícias deste calibre poderiam provocar o pânico entre pessoas de "libido" normal, mas equivalem a anunciar que o ar e a água viriam a ser racionados. No entanto, elas vêem apenas o triunfo do ponto de vista feminino.

Existe atualmente nos Estados Unidos um movimento que tem por bandeira a separação dos sexos: as mulheres encorajam-se mutuamente a não mais aceitar o coito, por considerá-lo um ato pretensamente aviltante para o seu sexo. Somente as mulheres poderiam ter tal idéia. Não é acaso o fato de Lisistrate pertencer ao sexo feminino: um homem teria desistido já na primeira experiência. Para Lisistrate, não representava mais

do que o agravamento de uma extorsão praticada, aliás, diariamente. Para as mulheres, a renúncia ao sexo não representa absolutamente um sacrifício, principalmente se ele serve a uma "boa causa".

Com provas tão consistentes, qualquer jovem razoável compreenderá que, apesar de munir-se das melhores intenções, jamais conseguirá dominar sua "libido" como o faz a mulher média. Como a liberdade total é inatingível para ele, desde o início decide pela total falta de liberdade e soma, com naturalidade, a fraqueza do pai à do amante. Além disso, como não pode dominar sua mulher, coloca-a num pedestral e passa a adorá-la sem inibições. Como veremos mais tarde, consegue às vezes satisfazer seus dois mais importantes impulsos sociais com duas mulheres diferentes, dividindo assim sua dependência por duas pessoas diversas. Ambas, porém, são fêmeas: por este motivo ele ficará sempre em dependência unilateral, da mulher em si e do sexo feminino.

Para que possa "livrar a cara" de algum modo, deu ao fato de correr atrás da mulher — embora ela o faça muito raramente — um nome lisonjeiro dentro de sua escala de valores: *agressividade masculina.*

Esta agressividade masculina consiste em fazer à mulher desejada uma proposta de relação sexual e esperar até que dê o seu consentimento ou um não definitivo. Os homens que agem com tato poderão aumentar suas possibilidades atuando dispersivamente, pois com propostas feitas a várias mulheres ao mesmo tempo, suas chances de resposta positiva aumentarão, dependendo das circunstâncias. Os homens que adotam este método são tidos como especialmente agressivos. Eles se proibiram mutuamente, por lei, a verdadeira agressão, a violação da mulher.

Parecendo contradizer tudo isto, o entusiasmo feminino pelos símbolos sexuais masculinos — cantores ou artistas renomados — quase chega por vezes à histeria, mas estes símbolos sexuais masculinos possuem sempre algo em comum: o fato de serem inacessíveis às mulheres que os desejam. Neste caso, pode-se dar livre curso à libido, pois não existe quase risco desta cobiça provocar efeitos negativos.

Os homens acessíveis são sem demora testados em sua vocação para pais adotivos, mesmo quando o aprendizado é feito cada vez mais sob a capa de uma paixão romântica. O solteiro de boa aparência e bem sucedido, que evidentemente mal pode salvar-se das ofertas inequívocas, também não tem melhor sorte. É natural que consiga mais mulheres para a cama, e em menor tempo do que os outros, mas, se dentro do mais curto prazo não fizer uma proposta de adoção, ele as perderá para o concorrente disposto a fazê-la. Os homens deste tipo costumam sofrer grande desgaste como parceiros sexuais, pelo fato de ninguém permanecer muito tempo em sua companhia, principalmente as mulheres realmente desejáveis, que são as que podem escolher e menos perdem tempo. Ao se certificarem que jamais conseguirão ser adotadas, abandonam o acampamento conjunto para se enfiarem sob os cobertores de um protetor que não procure "somente o prazer", mas que as "ame de verdade". Também o "casamento sem certidão" nada mais é do que uma adoção: a única diferença está em que o protegido, pelo menos passageiramente, conserva o próprio nome. É justamente esta forma de planejamento familiar, que se torna cada vez mais popular, que vem demonstrar o poder da mulher. Finalmente, ela acabou por compreender que não há necessidade de dar uma base jurídica às intenções protetoras do homem, pois, pelo contrário, é justamente a renúncia à legalização

que poderá fazer com que ele se sinta mais ligado à parceira, imaginando que ela seja diferente das outras que conheceu antes, por dar valor somente à sua pessoa. Em todo o caso, os objetos de proteção reais que resultarão desta união, usarão seu nome — e não há dúvida que ele naturalmente será obrigado a manter toda esta família "ilegítima".

O SEXO MAIS FRACO É O MAIS FORTE

O instinto sexual e o de proteção à cria são a base de todas as estruturas de poder, biologicamente, fundamentado. Tornar-se-á dependente quem, para satisfazer um desses impulsos, ou ambos, não puder prescindir de uma determinada pessoa (é o parceiro que ama). O parceiro dominador será aquele que, após a satisfação do instinto, conseguir concentrar em sua pessoa o desejo do outro (é o parceiro amado). Poder é a faculdade de transformar-se em objeto de amor de outrem. É o amor unilateral.

Somente o sexo feminino, como já vimos, encontra-se em situação de poder transformar-se unilateralmente em objeto dos instintos masculinos, sem que, por sua vez, se torne dependente do homem para a satisfação de seu impulso. As mulheres têm filhos para a satisfação de seu impulso de proteção à cria; e controlam de tal maneira seu instinto sexual, que jamais virão a tornar-se dependentes dos homens. Quando se ouve, portanto, que um sexo domina o outro, o dominador será sempre o feminino, jamais o masculino.

"A primeira opressão social é a opressão da mulher pelo homem" é uma conhecida frase de Frederico Engels, que confundiu força com poder. Como muitos

esquerdistas, em relação à luta dos sexos, cometeu o erro de aceitar sem críticas as estruturas do poder fundamentado na força física. Acreditou que o homem pudesse dominar a mulher por sua superioridade física e econômica. A força física poderá dominar uma classe social, jamais, porém, exercerá poder sobre um dos sexos.

O opressor em potencial não é o mais forte, mas o desamparado; o dominador em potencial não é o que cobiça, mas o cobiçado. A "primeira opressão social" não será exercida pelo homem sobre a mulher, mas pela mulher sobre o homem quando a maioria das mulheres estiver em inferioridade física e espiritual, sendo assim cobiçadas pelos homens. A mulher apenas começa a passar mal quando o seu homem já estiver há muito tempo em estado lastimável.

O poder feminino é o alicerce de todas as estruturas do poder. Os sistemas sociais cuja soberania não se fundamente na satisfação dos instintos, serão apenas a super-estrutura desse pedestral e seus dirigentes não dominarão além do pequeno âmbito não valorizado por seus parceiros sexuais e objetos de proteção.

O sistema que não tomar em consideração o poder do sexo mais forte, estará votado ao fracasso desde o início; pois não terá seguidores. O poder do sexo mais forte geralmente chega a ser condição prévia para o funcionamento de outros sistemas autoritários. O fascismo, o imperialismo e a inquisição não poderiam ter surgido sem a aquiescência da mulher. Se não fossem tão dependentes do sexo oposto os homens jamais teriam chegado a transformar-se em instrumentos de tais sistemas. Apenas um ser ligado a outro por meio de seus mais importantes instintos sociais, como um homem que possua família, poderá realmente ser domi-

nado pela força de um sistema secundário e vir a ser obrigado ao terror, à hipocrisia e à traição. A força da mulher enseja o acesso ao poder.

Esta lei natural é reconhecida por religiosos, políticos e ditadores. O mais importante ato político de um monarca consiste em cortejar as mulheres e concordar com elas, pois sabe que, se conseguir sua adesão, os homens serão automaticamente atraídos. Enquanto a Igreja continuar a apresentar a mulher como um objeto de proteção, será mais fácil levar o homem a recomendar a seus filhos a crença em seres invisíveis, tão necessários à continuidade de sua doutrina. Os políticos de consciência pesada pela manutenção da lei que institui o serviço militar e eleva a idade para a aposentadoria masculina, oferecem em troca melhorias sociais para as mulheres. Enquanto os ditadores renunciarem à convocação de exércitos femininos, poderão com maior facilidade enviar à guerra os recrutas masculinos.

A Igreja somente conseguiu fortalecer-se depois de declarar a mulher — via Virgem Maria — digna de ser adorada. A soberania da Igreja somente existe onde permanece intato o culto à Virgem. Jesus perdeu a ocasião de aliar-se às mulheres, quando perguntou a sua Mãe: Mulher, que tenho eu a ver contigo?. Também o inimigo das mulheres, o apóstolo Paulo, teve pouca sorte. Os cristãos somente conseguiram maior número de adeptos com a institucionalização do "status" de objeto de proteção para a mulher. Portanto, é possível que os grandes reformadores sociais tenham descoberto a "mulher oprimida" por motivos táticos e falta de maiores conhecimentos. Anteriormente, afirmamos que Engels confundiria poder com violência,

mas pode ter acontecido o inverso: talvez tenha reconhecido o poder feminino e se valido dele de maneira muito consciente, a fim de levar à vitória seu próprio sistema. Seria de estranhar que exatamente homens como Marx, Engels, Lenine e Mao, que mais do que ninguém conheciam o ambiente proletário, tivessem pensado que a mulher do trabalhador levasse vida pior do que o próprio trabalhador. Como se não soubessem que era ela quem, apesar da pobreza e da fertilidade, levava a melhor nessa desumana existência do proletariado, do início da era industrial. Caso este e outros revolucionários quisessem melhorar a sorte do proletariado, nada mais lhes restaria realmente fazer do que aliar-se às proletárias e fingir que a luta se destinava em primeiro lugar à defesa de seus interesses. A tática foi inteligente e válida — quanta confusão, porém, gerou na cabeça dessas suas adeptas!

Também Adolf Hitler adotou a mesma tática — porém, com sistemática diversa. Sem a sustentação da "mulher alemã" por ele criada, jamais teria aberto o caminho para o poder e o posterior banho de sangue. Como os poderosos da nação não eram os homens, pôde discutir abertamente sua plataforma de governo: guerra aos países vizinhos e perseguição a toda uma raça. Como se sabe, as mulheres o aplaudiam com empolgação. O que não quer dizer que as mulheres sejam mais pela guerra do que os homens — quem será mesmo pela guerra? — mas seguramente são menos contrárias a ela. Como, em caso de guerra, não são mandadas para a frente de combate, arriscam menos do que os homens. Como não estão habituadas a refletir de maneira abstrata, não podem imaginar como é a morte. Ninguém poderia prever que até um governo democrata como o da Inglaterra mandaria soltar bombas

sobre uma população civil indefesa, matando mais de meio milhão de mulheres e crianças. Ficou provado que os bombardeios das cidades de nada adiantaram, pois somente a destruição sistemática das instalações industriais trouxe o fim da guerra. Os bombardeiros ingleses, porém, eram pilotados por homens. Possivelmente por isso, as mulheres inglesas não viram inconvenientes. No país das sufragistas também se lutou pelo direito de voto para as mulheres, mas nunca pela participação feminina nos combates. Ainda que, em países onde as mulheres conquistaram o direito ao voto, o sexo feminino seja nominalmente tão responsável pelas guerras quanto o sexo masculino, a mulher não se considera uma criminosa, mas uma pacifista. Na Alemanha, não processaram nenhuma das esposas dos numerosos esbirros dos campos de concentração, apesar de elas terem vivido, durante muitos anos, do soldo de seus maridos.

Com exceção das jovens engajadas nos movimentos da esquerda radical, nunca se ouviu falar de grandes massas de mulheres terem se arriscado a alguma coisa. Mesmo as recrutas do exército israelense ficaram entre as forças de retaguarda durante a Guerra dos Seis Dias, bem como na do Yom Kippur. Onde houver tiroteio, estará sempre o homem. O parceiro mais poderoso — a mulher — é aquele que decide quem deve morrer!

3

Síndrome paterna

COMO SE FORMA A SÍNDROME PATERNA?

A mulher parece ser algo como uma solução prática para satisfação dos ideais masculinos. À primeira vista, ela parece realmente servir de elemento de satisfação para dois dos três impulsos fundamentais: o impulso sexual e o de proteção à cria. O que é puro engano, pois querer proteger alguém e desejar alguém sexualmente, são atitudes básicas tão diferentes, que dificilmente poderão ser concentradas por longo tempo numa única pessoa. Quem protege alguém, quer dar-lhe alguma coisa. Quem deseja alguém, quer tirar-lhe alguma coisa. Dar é o contrário de tirar.

Mesmo assim, e com a pertinácia de um Sísifo, o homem procura satisfazer seus dois instintos numa única pessoa. Demonstra, então, a boa vontade que lhe é possível. Como desde o início sua pretensão está condenada ao fracasso, seus esforços serão baldados. Começa por pensar que a culpa é sua. Mais tarde, pensa ser da parceira. Experimentará uma parceira nova, recomeçando tudo. Mas acontecerá sempre a mesma coisa.

Este jogo se prolongará até diminuir seu impulso sexual e o de proteção à cria tornar-se mais forte. Ao chegar aos 50 ou 60 anos, quase sempre estará conformado com o papel de pai e sonhará apenas ocasionalmente com a amada. Encontrará então a mulher com

quem deseja envelhecer, dando-lhe o epíteto de "mulher certa" ou de "mulher para toda a vida" ou, se já possui família, volta em definitivo para ela e se transforma em "homem sério". Diz, então, que está dono da situação, com amplo domínio sobre si e sobre as mulheres, quando na verdade sofreu apenas uma diminuição do ineresse sexual.

Esta situação esquizofrênica é responsável por uma cadeia infindável de desentendimentos entre os sexos e tem sua origem no jogo duplo das mulheres ao se oferecerem aos homens, que o aceitam. As conseqüências serão naturalmente catastróficas sobre a moral sexual masculina, sendo causa das perversões e tabus cujo conjunto apontamos como *síndrome paterno*. Suas manifestações mais importantes são o incesto, a poligamia, a pudicícia.

Há casos em que os três sintomas se apresentam ao mesmo tempo, enquanto em outros a apresentação é sucessiva ou, ainda, única em forma latente.

Somente os homens que, por princípio, não se interessam por mulheres, isto é, homens de libido muito fraca, homens idosos e homossexuais poderão ser realmente, e de forma absoluta, imunes contra estas características da síndrome paterna. Nos capítulos seguintes, apresentaremos em separado o estudo de cada um desses sintomas.

ADOÇÃO E INCESTO

Os homens que, ao escolherem sua parceira, derem demasiada importância ao impulso de proteção à cria e preferirem mulheres com várias características infantis — principalmente as mais jovens, as mais tolas,

as mais franzinas, as mais frágeis — enfrentam o dilema de terem que usar sua protegida para satisfazer, tanto o impulso de proteção à cria, como o impulso sexual. O que equivale a manter relações sexuais com uma pessoa que consideram realmente uma filha, cometendo, portanto, um incesto.

Mas eles nem siquer se conscientizam disto. Mesmo porque é muito difícil compreender que um homem possa manter relações sexuais apenas para dar vazão a seu instinto de proteção à cria — apenas a parte sexual costuma dar na vista.

Todos estes sentimentos altruísticos que o homem dedica a seu objeto de proteção, tais como o desejo de protegê-la, defendê-la, trabalhar e lutar por ela, identificam-se com os sentimentos que um pai nutre pela filha e nunca com os que um amante dedica à mulher amada.

Quando "adotar" uma mulher, o homem mal poderá distinguir entre os sentimentos que lhe dedica um "pai" ou um amante. Com sorte, poderá ter conhecimento das emoções deste último, mas ainda está por descobrir o que sente um protetor. Quando a mulher adotada lhe desvendar pela primeira vez a sua feminidade, ele fará a comparação com os sentimentos que dedicou a mulheres que conheceu anteriormente e constatará a diferença, pois jamais desejou sacrificar-se por nenhum de seus antigos amores. Conclui, então, haver encontrado finalmente o grande e verdadeiro amor, tão esperado. Classifica a nova mulher como "mulher para o casamento", em oposição às anteriores, que considerava como "mulheres para a cama". Somente muito depois, ao tornar-se pai de verdade, poderá identificar seus antigos sentimentos, vindo então a constatar que sente pelo filho mais ou menos o mesmo que

sente pela mulher. Se for honesto, reconhecerá que casou com ela muito mais por suas qualidades de objeto de proteção do que por parceira sexual. Mas terá que reconhecer que, sem dúvida alguma, não teria casado se ela não possuísse também esta última qualidade.

O homem que possui uma mulher infantil, sabe que algo está errado — mas dificilmente identificará a falha. Parece-lhe que, ao praticar com ela o ato sexual, está exigindo algo indevido, que realmente não lhe cabe tomar. Desejaria poupá-la, mas não vê razões concretas para tanto e não o faz — por isso, sua consciência está sempre mais ou menos pesada na hora do relacionamento sexual. Não consegue perder a impressão de que lhe fizeram um grande favor e que deve, sem perda de tempo, mostrar-se agradecido.

Quando as mulheres ainda chegavam virgens ao altar e a diferença de idade entre os parceiros era muito maior do que a de hoje, a conexão entre adoção e incesto era muito mais clara: logo após a cerimônia, o marido devia usar quase abusivamente sua protegida. Em nossos dias, pelos menos, graças à nova moral sexual, os homens têm ocasião de se habituarem paulatinamente à situação. O casamento, que antigamente era condição prévia para o incesto, torna-se hoje cada vez mais uma forma de reparação.

Como pai contra a vontade, o homem não tem outra alternativa senão quebrar a barreira do "incesto" com sua mulher. Por não ser filha real, mas pseudo-filha de seu marido, a situação, de uma certa maneira, torna-se mais difícil, pois também o incesto não é real, mas um pseudo-incesto. Tamanha proporção na mani-

pulação dos impulsos, porém, não fica sem conseqüências.

As clínicas psicanalíticas poderão dizer-nos até que ponto muitos homens conseguiram livrar-se de seus complexos de incesto e se aproximaram, pelo menos em sonho, do verdadeiro incesto. Fazem parte do quotidiano, segundo os terapeutas, as fantasias sexuais que certos pais alimentam em relação às suas filhas-moças. A psicanálise, sempre pronta a encontrar complexos, nem siquer procura libertá-los destas fantasias. A única preocupação de um analista, neste caso, seria a de ver seu cliente desenvolver um sentimento de culpa, provocado por seus sonhos. Não se cansaria de assegurar-lhe que "tudo isso é normal".

E é normal. As cifras estatísticas sobre a prática do verdadeiro incesto — relações sexuais entre parentes de primeiro e segundo grau — o comprovam, pois as relações entre pai e filha colocam-se em primeiro lugar, por larga margem de diferença.

Recentemente, o governo sueco tomou a iniciativa da pesquisa sobre o incesto, levando em consideração os casos de que se tem conhecimento nestes últimos 20 anos em seu país. Foram levantados os seguintes dados estatísticos: 6% das relações incestuosas se processam entre pai e filha, 20% entre irmão e irmã, e somente 1% entre mãe e filho. Os restantes 19% referem-se a relações de homens com netas e sobrinhas.

Encontra-se em situação bastante esquizofrênica o homem que concentrar em uma mulher os seus instintos sexual e de proteção à cria, principalmente se ela for uma parceira extremamente infantil. Não é de admirar se a parceira escolhida muitas vezes considerar excêntrico seu comportamento: dependendo da ocasião, ele

a endeusa, amaldiçoa, maltrata, possui, viola, joga-se a seus pés, deseja morrer por ela. Mas é assim que deve ser, pois, como o instinto de proteção à cria e o instinto sexual são fundamentalmente incompatíveis, não existe para o homem nenhuma outra possibilidade além da oscilação entre os extremos.

Por este motivo, os homens de maior sensibilidade procuram logo sair da situação incestuosa, refugiando-se na poligamia ou nas extravagâncias. Os menos sensíveis continuarão com a situação de incesto, pois o prazer das coisas proibidas, que a situação provoca, vai aos poucos se transformando em sólido componente de seu comportamento sexual. Da carência, transformada provisoriamente em virtude, nasce a necessidade e a perversão sistemática. Uma vez acostumados à prática do sexo com "menininhas", as relações normais com mulheres adultas se lhes tornam enfadonhas. É lícito presumir que as maiores dificuldades estão com aqueles que, de início, desejavam apenas satisfazer seu instinto paternal e acabaram por envolver-se com mulheres infantis. São os senhores de meia-idade que, ao visitarem ocasionalmente uma casa de tolerância, exigem a companhia de menores de idade. Para eles, o ponto mais importante de toda a ação, é a violação do tabu.

CAUSAS DA POLIGAMIA MASCULINA

O homem que possui uma mulher infantil, fará o possível para fugir à loucura da monogamia e apaziguar sua alma na poligamia. Dividirá seu amor, dedicando à sua própria mulher o instinto de proteção à cria, enquanto o impulso sexual será dirigido a outra —

dará algo a uma, tomará da outra, protegerá uma delas enquanto provocar a outra.

Os instintos masculinos de reprodução e proteção à cria encontram na mulher sua fonte de satisfação, o que dá origem à poligamia masculina. Por este motivo, tem-se a impressão de que os homens podem amar duas mulheres ao mesmo tempo. Na realidade, porém, eles amam apenas uma delas, a outra é como se fosse uma filha. Entre as mulheres, dificilmente ocorrerão tais equívocos, pois o grupo ao qual dirigem seus impulsos é perfeitamente delimitado: para o instinto de proteção à cria — os filhos; para o instinto sexual, se necessário — o marido. Por isso, elas são tidas por monógamas e os homens, por polígamos. No entanto, a maior parte dos homens não parece tomar consciencia das verdadeiras causas de sua poligamia. Dizem que um homem necessita muitas mulheres, ao passo que estas não precisam, evidentemente, mais do que um só homem. Como eles mantém relações sexuais igualmente com o objeto de proteção e com o parceiro sexual — mais seguidamente com este —, pensam que a causa de sua poligamia reside em sua sexualidade, que imaginam ser basicamente diversa da sexualidade feminina.

O nascimento do primeiro filho, nos matrimônios baseados na "adoção" da mulher, é geralmente o sinal para o início da era poligâmica do marido. Até o mais paternal dos homens terá assim satisfeito o seu instinto de proteção à cria, na proporção do que surgirá o instinto sexual, até o momento em que o desejo por um parceiro sexual se torne tão forte que venha a afastar seus escrúpulos — pois ele os têm, naturalmente.

apenas não deseja afligir seu objeto de proteção —, então, arranja uma amante.

A "mulher para o casamento" ele já a tem — precisa agora de uma "para a cama". Este passo, geralmente, é facilitado pelo fato de sua mulher infantil, depois do nascimento dos verdadeiros objetos de proteção, diminuir ao mínimo sua atuação, durante muito tempo, por um amante que a escolheu por sua vocação paternal. Há algumas que sentem até acentuada repugnância pela relação sexual com tal tipo de homem (vide a já mencionada estatística italiana). A atuação como parceira sexual não passou de engodos: a meta era a adoção por parte de um homem, seguida da procriação de filhos. Alcançado o objetivo, o centro de interesse se desloca cada vez mais para o aspecto "objeto de proteção", que apresenta menores exigências constituindo-se assim numa senda de obstáculos mínimos. Seu engajamento como parceiro sexual ocorrerá apenas em épocas de crise, talvez quando vir seu desempenho de objeto de proteção ameaçado por outra mulher e tiver receio de que o protetor venha a abandoná-la. A rigor, a mulher com filhos não necessita siquer interpretar o papel de objeto de proteção: as crianças o farão por ela, de maneira bem mais convincente. O homem que quiser proteger seus filhos, estenderá esta proteção à mãe de quem dependem. "Amo minha mulher e meus filhos", diz o pai de família, como se estes dois sentimentos fossem idênticos. Para ele, realmente, são.

Assim, a poligamia parece ser não somente a melhor, mas a única saída. Porém, nem todos os homens são polígamos. A causa é fácil de ser adivinhada. Como o homem nada recebe de graça, nem a satisfação do instinto de proteção à cria, nem a do instinto sexual, a fim de realizar sua vocação polígama,

teria que encontrar-se em situação de poder sustentar várias mulheres, o que geralmente não acontece. A poligamia prevê sempre uma injusta partilha de bens, constituindo-se no reflexo da justiça social de determinado país. Como o homem é obrigado a pagar pelas mulheres que tem, o rico sempre terá muitas, ao passo que o pobre não terá nenhuma. Estão em muito má situação os homens dos países socialistas, em relação à realização de seus ideais sexuais: quanto mais uniforme a distribuição de renda do povo, menor a chance de poligamia. Devido ao atual equilíbrio entre a população masculina e feminina, até nos países industrializados do Ocidente, em que cada homem pode sustentar pelo menos uma mulher, a relação extra-marital fixa se constitui em privilégio de patrões. O forte desnível social dos países em desenvolvimento, no Ocidente, forma uma base especialmente favorável à poligamia. Na América Latina, a bigamia é praticamente institucionalizada. O mexicano bem situado na vida possui a "casa grande" e a "casa chica", a casa com a esposa e a casa com a amante. O arranjo, naturalmente, só existe enquanto ele estiver em situação de mantê-las satisfatoriamente. A poligamia masculina, depende, portanto, totalmente, da situação econômica: os homens ricos não são mais polígamos, são mais ricos — os homens pobres não são mais monógamos, são mais pobres.

Portanto, distinguimos as seguintes formas de poligamia: simultânea, sucessiva, esporádica e simbólica. A forma de poligamia que determinado homem escolher, dependerá final e totalmente dos bens de que puder dispor para a realização de seus desejos.

Os ricos adotam as formas de poligamia simultânea e sucessiva, ao passo que a esporádica e a simbólica são opções mais populares, das classes menos favorecidas.

POLIGAMIA SIMULTÂNEA

A *poligamia simultânea* é a verdadeira poligamia: o homem possui várias mulheres e deseja guardá-las todas. *Poligamia sucessiva* é a poligamia temporária: o homem possui duas mulheres, mas espera poder livrar-se de uma delas. *Poligamia esporádica* é poligamia eventual; *poligamia simbólica* é a satisfação do instinto sexual, com ausência de parceiro sexual. O homem que se encontrar em boa situação econômica escolherá a poligamia simultânea ou a sucessiva, pois geralmente não dá valor à poligamia esporádica, nem à simbólica.

O homem de poligamia simultânea, isto é, o homem com esposa e amante ao mesmo tempo, é quem torna mais evidente a diferença entre objeto de proteção e objeto sexual. Apesar de o protetor permanecer junto do objeto de proteção, às vezes com maior dedicação do que anteriormente, a relação sexual entre eles se transforma em uma farsa desde o início da fase polígama. É de supor que o homem que venha a encontrar sua parceira sexual, prefira não continuar mantendo relações sexuais com seu objeto de proteção. Mas como não deseja magoá-la — o que faz parte de seu papel de protetor —, continua, assim mesmo, a manter relações esporádicas. Mas ele o fará da maneira mais direta possível. Desse momento em diante, o sexo, com todas as suas nuances, será praticado somente com o parceiro sexual. Apesar do fingimento, do receio de ser descoberto e do gravame financeiro, o homem

polígamo simultâneo, isto é, aquele que consegue dar vazão a seus sentimentos por meio de dois objetos diferentes, apresentará maior equilíbrio do que ao tempo de seu período monógamo. Verá neste acomodamento, ou satisfação, a prova da inequívoca vocação polígama de todos os homens.

Mas acontece então algo inusitado: em vez de reconhecer o novo amor, continuará a chamar de amor aos sentimentos que nutre pela primeira mulher, isto é, seu objeto de proteção. "Embriaguez" ou "obsessão passageira" será o sentimento que dedica à amante. Refere-se à ligação com esta, aos sentimentos que nutre por sua mulher real, como se fossem sentimentos inferiores ou indignos. Pensa que "caiu" ou se perdeu por ela, "apelando a seus baixos instintos". Se a esposa o interpela, responde que não sabe o que ela deseja dele, que seu caso com a outra é "puramente sexo", nada tendo a ver com amor.

A explicação para este comportamento é simples: a distinção que o homem faz entre o objeto de proteção e o parceiro sexual é totalmente arbitrária.

A amante deve naturalmente ter-se oferecido a ele para parceira sexual, pois somente nesta condição teria as melhores perspectivas, dado que o instinto de proteção à cria do amante já se encontrava satisfatoriamente apaziguado por meio de sua mulher-por-adoção e de seus filhos.

Mas a amante é também fundamentalmente uma mulher como as demais: meio objeto de proteção, meio objeto sexual, meio criança, meio "vamp" — com a facilidade de apresentar-se com o tipo mais adequado ao momento. Muitas vezes, até apresenta uma pronunciada semelhança com a esposa, pois muitos homens preferem um determinado "tipo" de mulher que

sempre os atrai. E como a "filial", muitas vezes, não somente é mais bonita do que a "matriz" legal, mas também mais jovem e mais tola, poderá servir de armadilha: há sempre a possibilidade de, inopinadamente, de objeto sexual, transformar-se em objeto de proteção. Em vez da tão sonhada amante, o polígamo simultâneo se verá inesperadamente envolvido em outra questão social. Com a nova protegida, fundará mais uma família, terá novos filhos, e, se arranjar mais uma amante, criará um dilema ainda maior do que o anterior. Pois seu impulso sexual, que era o que, na realidade, lhe importava em toda essa manobra, estará novamente mais ou menos insatisfeito, e sua mulher legal, a quem queria proteger, ficou prejudicada.

A mais importante tarefa do homem que possui duas mulheres, consiste em proteger-se, tanto quanto possível, bem como a seu objeto de proteção, do novo parceiro sexual. Seguindo o exemplo de outros polígamos, ele se submete a uma verdadeira lavagem cerebral: para que nunca tenha a tentação de dar ao novo amor o "status" ao qual desejaria elevá-la, tomará a iniciativa de, desde o início, negar seus sentimentos em relação a ela, de rebaixá-los como se fossem endemoninhados. Para que não entre jamais em tentação de vir a amar sua amante, transformará o seu irreprimível desejo de lhe estar tão perto quanto possível, de penetrá-la, de tocá-la continuadamente e por ela ser tocado, em um sentimento baixo, primitivo, barato e de segunda classe, em "puramente sexo".

A valorização do objeto de proteção é paralela à minimização do parceiro sexual. O anseio pela proteção à cria, que basicamente nada tem a ver com

homem e mulher, porque também pode ser motivado por crianças, velhos e enfermos, transforma-se em algo altamente estilizado, que não é, nem poderá vir a ser, o "verdadeiro amor" entre os dois sexos. Sendo a "mãe de seus filhos", a adotada será cada vez mais "a pureza", "a importância", "o objetivo" de sua vida, enquanto a amante será exatamente o oposto.

As emoções partilhadas com sua parceira sexual acabam por tornar-se propriedade pública: estará sempre disposto a relatar a seus amigos, por vezes até forçando a situação, tudo o que acontece entre ambos, e quantas vezes isso acontece. Mas as relações sexuais com o objeto de proteção, se é que ainda existem, são tabu. Se alguém lhe contar que outro homem se refere a seu objeto de proteção como sendo seu parceiro sexual, "maculando sua honra" (chegou ao ponto de considerar sempre o sexo como basicamente repugnante), irá interpelá-lo sem demora. Não faz muito tempo, alguns maridos bateram-se em duelo pela reputação de suas esposas (mulheres com quem iam para a cama somente por dever) e, por mais incrível que pareça, morreram por essa causa.

A mulher adotiva, a quem toda esta exposição é dedicada (e devida), não será atingida — perante si mesma, não confunde jamais sexualidade com proteção à cria. Se uma esposa enganada pelo marido, por sua vez, tomar um amante, jamais deixará de classificar de amor os sentimentos que vier a dedicar-lhe. Como é ínfimo o número de mulheres que podem considerar os homens como seus objetos de proteção — apenas enfermos e intelectuais poderão vir a despertar o instinto maternal de suas parceiras sexuais —, elas jamais serão tentadas a confundir com amor o seu instinto de proteção à cria e o seu amor, com torpeza.

Para a mulher, o amor significa satisfação sexual, e vice-versa. Por isso, não usará de subterfúgios e chamará sexo de "amor", não fazendo como seu marido, que diz "puramente sexo". Naturalmente, não revelará o segredo a ele, pois, oficialmente, também para ela o amor não passa de amor ao próximo.

POLIGAMIA SUCESSIVA

Assim como o polígamo simultâneo, também o sucessivo possui duas mulheres. Mas, ao contrário do primeiro, encara a poligamia como uma sobrecarga e espera poder livrar-se, na primeira oportunidade que surgir, de uma delas — geralmente da mais velha. Portanto, o polígamo simultâneo conserva-se sempre polígamo, dependendo das possibilidades, ao passo que o polígamo sucessivo alterna fases de poligamia simultânea com monogamia, estando o ritmo das trocas sucessivas em relação direta com suas reservas financeiras. Dependendo da importância dada à satisfação do instinto de proteção à cria ou do impulso sexual, os homens poderão ser classificados em duas categorias:

1. *eternos pais* são aqueles que estão sempre à procura de novos objetos de proteção.
2. *eternos celibatários* são aqueles que estão sempre à procura de novos parceiros sexuais.

A primeira, representa indiscutivelmente a mais freqüente variação de poligamia sucessiva, pois os *eternos pais* dão prioridade ao instinto de proteção à cria e, por este motivo, valorizam principalmente o máximo de aspecto infantil na mulher que escolheram

para parceira. Este tipo de homem necessita trocar de parceira a cada 10 anos, no máximo, pois as mulheres conservam a aparência infantil apenas até os 25 ou 30 anos. Nestes casos, não é somente o número de "filhas" que ele adotar no decorrer de sua vida que estará em relação direta com sua fortuna, mas também o tipo das mesmas. Os novos-ricos terão preferência por adotar meninas sadias, com tipo de camponesas, enquanto os homens da alta sociedade e os estetas darão preferência ao tipo doentio, como o das manequins. É sempre absolutamente necessário que o protegido dê a impressão de estar ao desamparo. Quando se puder presumir que ele chegou ao ponto de poder prestar ajuda a si mesmo, o instinto de proteção automaticamente deixará de funcionar. Quando a mulher adotiva, depois de alguns anos, tiver aparência de pessoa adulta, será substituída. O tempo de escolha de uma substituta jovem e adequada representa a fase polígama do homem polígamo-sucessivo e corresponde ao tempo da gravidez de sua mulher.

A brincadeira de fingir-se de criança é a mais bem remunerada profissão feminina. Por isso, o "eterno pai" não ficará muito tempo sem uma substituta para o cargo, se ele possuir fortuna ou cargo bem remunerado, naturalmente. Assim que encontrar a nova filha e se convencer de que ela também precisa dele, dará um dote à filha que se tornou adulta — geralmente a casa em que ambos residiam — acrescida da pensão alimentar, até que ela consiga outro casamento. E dedica-se com força total à jovem substituta.

É certo que não levará seu "bebê" a passear de carrinho mas o fará num Lincoln ou num Mercedes: o passeio também não será para que os vizinhos apreciem, mas para que os amigos e colegas o façam. O

quadro é o mesmo. Também é certo que não lhe perguntarão se o "nenê" já teve os seus primeiros dentes, mas dirão que sua "pequena" é um "amor", e ele ficará orgulhoso como se fosse a mãe ou o pai da criança. Confessará que realmente a pequena é um amor, mas que tem uma linda cabeça dura e que, às vezes, — na cama — é lindamente traquina.

Assim como o tipo "eternos pais" não aparece somente na classe rica, mas também na classe média, existe também uma variante burguesa da poligamia sucessiva, baseada no instinto de proteção à cria. O homem da classe média naturalmente não é tão rico que possa trocar constantemente seus objetos de proteção. Geralmente, depois de 20 ou 30 anos de vigorosa atividade profissional, conseguiu situar-se bem na vida, juntar algum dinheiro, usado muitas vezes numa segunda adoção, que o povo chama de "segunda primavera". Pode-se adivinhar o advento deste fenômeno da natureza pelo valor de sua conta bancária e pela idade da mulher. Tanto o "eterno pai" rico quanto o pobre, não situam o sexo em primeiro plano. Ao contrário do polígamo simultâneo, o polígamo sucessivo da variante "proteção à cria" abandona a esposa, a fim de satisfazer seu instinto de proteção à cria, mas nunca para aplacar o instinto sexual. Acha que sua mulher está muito velha, não como mulher, mas como filha. O resultado é o divórcio, seguido de outro casamento, justamente o que o polígamo simultâneo procura evitar com todas as suas forças. É por este motivo que o polígamo sucessivo jamais humilha a esposa sucessiva, antes pelo contrário, deprecia apenas a antecessora. A nova mulher é sempre o maior amor de sua vida. Como não considera a nova esposa como parceira

sexual e sim como objeto de proteção, procura cercá-la da mais ampla proteção ao seu alcance: a adoção legal.

O "eterno pai", ao contrário do "eterno celibatário", não teme a impotência. Não pretende dizer "olhem só, ainda sou tão másculo que satisfaço até mulheres jovens", mas "olhem só, ainda sou tão capaz, que esta inocente criança deposita confiança em mim". O "eterno pai" sabe, por experiência anterior, que somente poderá conquistar mulheres mais ou menos frígidas, pois as outras somente em casos excepcionais se envolveriam com homens vinte ou trinta anos mais velhos.

Poder-se-ia objetar que a mulher que se oferece aos homens como objeto de proteção, tem na mão uma bomba de relógio, porque algum dia o homem a abandonará para procurar outra mais jovem. Isto não representa um perigo real, pois, aconteça o que acontecer, o popel de objeto de proteção é sempre mais lucrativo do que o de parceiro sexual puro e simples. Quando um homem casa com uma mulher mais jovem, automaticamente dirão que está em situação de também poder sustentar sua mulher mais velha, senão jamais teria conseguido a mais jovem. O próprio homem criou leis que o obrigam a sustentar convenientemente suas esposas anteriores. Poderá acontecer que se veja obrigado a sustentá-la por toda a vida, se não aparecer outro para amparar a "falecida". Geralmente, depois de algum tempo, aparece o outro, porque a proporção entre a população masculina e a feminina é de aproximadamente de um para uma. Somente as mulheres que gostam de seus maridos como amantes, poderão ficar realmente magoadas com a separação.

As esposas adotivas pouco sofrerão: tendo o marido por pai, e contanto que não surjam problemas, farão como se fossem uma filha que bem pouco se importa que o pai sustente um ou uma dúzia de filhos. É natural que o filho único viva mais folgadamente do que os que possuem dois irmãos, mas, se não há outro meio, também se dará por satisfeito com uma parte menor. Se a parte financeira for resolvida, darão passe livre ao pai e, às vezes, até procuram um amante.

O "eterno celibatário" — polígamo sucessivo da variante do impulso sexual, — é raramente encontrado. São homens que procuram uma mulher e, no entanto, encontram crianças por toda parte. Como não prescindem do sexo, deixam-se envolver por estas "crianças", embora por pouco tempo, pois consideram-nas muito ingênuas, não como crianças, mas como mulheres. Como os polígamos sucessivos não desejam filhos, raramente fazem propostas de adoção, tornando assim a separação indolor para ambos. Quase sempre é a própria pseudo-filha quem dá o primeiro passo, após convencer-se da inutilidade de seus esforços. É natural que o "eterno celibatário" também tenha que satisfazer seu instinto de proteção à cria. Escolhe para isto objetos de proteção mais necessitados de amparo do que as mulheres. Vive travando lutas por ideais de justiça e liberdade, engajado na causa dos injustiçados sociais, ou, em sua profissão — médico, assistente social, político —, mantendo contato com tantos objetos de proteção que o seu instinto de proteção à cria fica plenamente saciado. Ao contrário de seus companheiros de sexo, é completamente imune ao tipo de mulheres que, depois de noitadas, costumam oferecer-se como objetos de proteção.

POLIGAMIA ESPORÁDICA

Poligamia esporádica é a poligamia do homem de classe média. Ao contrário do homem rico, o pobre não satisfaz com regularidade, apenas ocasionalmente, o seu impulso sexual, e da seguinte maneira:

a) com mulheres não disponíveis — (promiscuidade)
b) com mulheres ao alcance de todos — (prostituição)

Mulheres não disponíveis são as que pertencem a outros homens. Apesar de possuírem libidos normais, escolheram um homem que realmente não desejavam — um "pai", o que as obriga a dar vazão ao instinto sexual fora do âmbito do relacionamento de adoção. Freqüentemente trata-se também de mulheres que ainda não são propriedade fixa de outro homem, mas que, no entanto, conservam-se disponíveis para uma possível adoção. Enquanto esperam por isso, simulam parceria sexual com o "pai" de outras. Como este tipo de mulher sempre faz gratuitamente a distribuição de seus favores — na realidade, importa-se apenas com o sexo que, para ela, vale ainda menos do que a proteção —, o favorecido não deve hesitar muito, pois é pequena a oferta de sexo gratuito, enquanto a procura é enorme. Somente o rico poderá escolher com quem e quando irá para a cama e, se for suficientemente rico, poderá até sobrepujar o "pai" anterior, conquistando assim mulheres que não estavam mais em disponibilidade. O pobre não pensa muito, aceitando sem escolha toda mulher que puder conseguir, pois sabe que a oportunidade talvez não se repita tão cedo. Apesar de tratar-se apenas de promiscuidade, o homem

de classe média classifica de "aventurosa" a necessidade de satisfação do instinto sexual com o primeiro parceiro que encontra. Para ele, a mulher que não está a seu alcance, é uma "aventura" — pois já possui uma e não pode dar proteção a ambas.

Mulheres ao alcance de todos são aquelas que, embora não pratiquem sexo gratuito, também não são inacessíveis. A quantia exigida pela mulher para saciar o impulso sexual masculino está em relação matemática com o número de homens aos quais se entrega. O sexo é um dos poucos aspectos da vida quotidiana que ainda apresenta barreiras sociais, inclusive nos países desenvolvidos.

O tipo de parceira sexual de um homem depende exatamente de sua renda. As "mulheres de um só homem", que possuem contratos exclusivos, são as mais dispendiosas. Ao final do contrato, haverá sempre indenização e aposentadoria. Relações exclusivas não contratuais, como as que existem entre os que se amam, costumam ser dispendiosas apenas enquanto dura a relação, pois é justamente a falta de contrato que protege o parceiro, ao final da ligação, contra as indenizações. Sexo praticado com "call-girls" — mulheres com um ou dois parceiros diários — já é muito mais favorável, pois o cliente é o homem de alta classe média. Quando aumenta o número de parceiros, o preço tende a cair e os homens, que são os pagantes, serão cada vez mais pobres. A garota da casa de tolerância, com cinco parceiros diários, é o objeto sexual do representante bem remunerado. A garota motorizada, na base de dez parceiros, fica com o empregado médio, enquanto a prostituta de beira de calçada, com até trinta parceiros, tem por freguês o proletário. Na

realidade, a verdadeira frustração sexual fica reservada apenas aos homens desempregados.

O sexo praticado com prostitutas é, inegavelmente, a forma mais barata de satisfação do impulso sexual por meio do objeto vivo, mas também é a que mais se afasta da sexualidade. Os homens que costumam freqüentar prostitutas, já satisfazem quase mecanicamente os seus anseios de amor por um ser adulto do sexo oposto. Basicamente, tem apenas caráter simbólico o fato de estreitarem um ser humano em seus braços. A sexualidade, forma menos comprometida da comunicação humana, fica assim reduzida à sua expressão mais grosseira, representada pela série de involuntárias contrações musculares, produzida por dez minutos de fricções. A mulher que possibilita estas contrações, seja qual for a técnica que adote, pouco mais representa do que qualquer outro tipo de cavidade, igualmente capaz de produzi-las.

Seja como for: sexo de bordel é barato e protege o objeto de proteção que se encontra em casa. Com freqüência, a prostituta livra, total ou parcialmente, a esposa por adoção dos mais maçantes deveres de parceiro sexual. Por este motivo, raramente será tomado por depravação moral o fato de um homem freqüentar casas de tolerância. Muito pelo contrário, será a prova mais inequívoca de sua incondicional devoção pela mulher adotiva. Mesmo quando a poligamia for descoberta, nada acontecerá, pois a concorrente é "apenas" uma prostituta. Pelo critério usual, não é nem sequer uma mulher. A "verdadeira mulher" é aquela que consegue pôr em perigo o "status" de objeto de proteção de sua rival. Neste sentido, a prostituta é inofensiva, pois o homem que se separasse de sua

"adotiva" para casar com uma meretriz, seria uma sensação.

Basicamente, somente os homens consideram imoral a prostituição. Sofrem com a idéia de simplesmente possuir uma mulher — um ser tão carente de proteção, conforme lhe ensinaram — e nada mais dar-lhe em troca do que um pouco de dinheiro. Somente em pensar que outros homens farão o mesmo com ela, o que torna a transação tão barata, dá um cunho suportável à idéia. As mulheres não consideram condenável a prostituição, com exceção das feministas, que julgam o próprio sexo por critérios masculinos e não consideram as mulheres realmente necessitadas de proteção. Por motivos higiênicos, geralmente, prefeririam que seus pais adotivos se contentassem com poligamia simbólica e assinassem a revista "Playboy", ou a "Penthouse", para substituir a visita mensal ao prostíbulo.

POLIGAMIA SIMBÓLICA

Dizíamos que tanto a poligamia esporádica como a simbólica são atributos do pequeno burguês. A escolha da forma de poligamia é mais uma questão de temperamento do que um problema financeiro, pois as duas variantes são talvez igualmente pouco dispendiosas. Os extrovertidos se inclinarão mais para a poligamia esporádica, os introvertidos, para a simbólica. Presume-se que seja um grande sacrifício para o homem, ter que abordar na rua uma pessoa inteiramente desconhecida e, sem rodeios, pedir-lhe para realizarem juntos o ato mais íntimo entre duas pessoas. O introvertido é demasiado sensível para procurar uma prostituta e, por isso, prefere a idealização da parceira

sexual. Também existirão, naturalmente, os introvertidos abastados. Estes não necessitam esforçar-se para conseguir parceiros sexuais, — até pelo contrário —, mas contentam-se com sexo simbólico, por causa de sua sensibilidade. Somente os ricos, que não souberem como utilizar parceiros sexuais vivos, como os homens mais idosos e os de libido alterada, poderão interessar-se pelos mesmos símbolos que atraem seus irmãos menos privilegiados.

Os homens reagem diversamente: a imaginação de uns excita-se com ilustrações, a de outros, com palavras. Um terceiro tipo poderia preferir a combinação dos dois anteriores. A proposta ao homem polígamo simbólico atenta para esta situação e oferece a cada consumidor o sucedâneo sexual adequado. Para os homens de imaginação visual, existem filmes e ilustrações pornográficas que, mesmo sem os devidos textos, dirão com clareza suas verdadeiras intenções. Para os mais intelectualizados, que se excitam mais facilmente por meio de palavras, existe a literatura pornográfica. Para os que não desejam renunciar a nenhum dos dois meios, existe a "revista masculina ilustrada".

Para os editores de revistas masculinas, ficou provada a enorme vantagem da sustentação da imagem pela palavra, e vice-versa. Há alguns anos, quando Hugh Hefner lançou nos Estados Unidos a revista "Playboy", a censura quase nada encontrou para criticar, pois os textos e as imagens não eram demasiadamente claros, sendo o efeito produzido apenas pela combinação dos dois elementos, de difícil compreensão. Seu sucesso foi enorme e continua crescendo, pois apesar das inúmeras imitações, "Playboy" ainda é o mais vendido sucedâneo do sexo para os homens tímidos. Tudo

isto depende menos da qualidade dos parceiros sexuais fotografados, — consta que as revistas concorrentes do "Playboy" reúnem modelos mais excitantes —, do que da "bolação" do Departamento de Vendas. Hefner avaliou bem o introvertido: anúncios de página dupla do "Playboy" convocam as mulheres a presentear o *seu* escolhido com uma assinatura da revista. Pelo fato de ser uma revista masculina, pouquíssimas mulheres a lêem, portanto, o anúncio não é absolutamente dirigido a elas, e sim a eles. A finalidade é fazê-los pensar: "existem até mulheres que assinam "Playboy" para seus homens, então não estou agindo mal"... Apesar de a maior parte dos compradores ignorar o excelente sortimento de pequenos contos, entrevistas e caricaturas, eles representam uma contribuição perfeita, que justifica a opção de compra. Hefner quebrou um monopólio feminino: foi o primeiro homem a conseguir valorizar comercialmente a frustração sexual dos pais de família, vencendo num plano até então reservado às mulheres. Como homem, conhece melhor as necessidades de seu sexo, por isso pode supri-las mais facilmente. Proprietário de um império avaliado em 200 milhões de dólares, transformou-se hoje na "madame" de maior sucesso da história.

Naturalmente, os objetos sexuais simbólicos — mulheres que, na verdade, nem existem — poderão apenas excitar o introvertido, jamais satisfazê-lo. O recurso será a auto-satisfação ou a satisfação por meio do objeto de proteção. Graças à ação estimulante do substitutivo sexual, conseguirá muitas vezes esquecer por algum tempo sua missão de protetor e ver sua pseudo-filha como uma verdadeira sedutora. Com imaginação, pensará ter nos braços a garota da "página central" em lugar da perfilhada.

SOMENTE OS HOMENS SÃO PURITANOS

As principais características da síndrome paterna são: incesto, poligamia e puritanismo. Muitos homens são ao mesmo tempo incestuosos, polígamos e puritanos. Já debatemos aqui o incesto e a poligamia masculina. Chegamos agora à terceira característica da síndrome paterna, que é o puritanismo masculino. O homem será puritano se renegar seu impulso sexual. Esta definição demonstra que, na verdade, somente os homens podem ser puritanos, pois as mulheres, muitas vezes já na puberdade, mutilam seu instinto sexual no interesse de posterior política de dominação (vide capítulo "A força do mais frio"). Assumindo posição contrária ao sexo, não precisarão renegar seus desejos secretos, pois não se reprime o que não existe. Portanto, são poucas as mulheres adultas que podem ser puritanas. Puritanismo é qualidade masculina. Nem todo homem aparentemente puritano o é, realmente.

Por isto, distinguimos entre:

a) puritanismo simulado (o dos "administradores") e

b) puritanismo real (o dos "pais").

Os homens encarregados pelas mulheres de administrar o mundo segundo os ideais femininos, são os *puritanos simulados*. Quem tem poder, usa-o somente para viver conforme seu prazer, deixando de lado o que não lhe interessa. Entre as coisas que não dão prazer, estão, em primeiro lugar, as humilhações da luta pela vida. Por isso, essas humilhações são impostas, crescentemente, às pessoas que não têm poder suficiente para viver por seus próprios meios. A disputa profissional também poderá, naturalmente, causar às

vezes alguma satisfação — a prova é a mulher que trabalha apesar de seu esposo ganhar bem, e o rico, cuja distração é a ida diária ao escritório (correspondente masculino da "mulher emancipada"). Todavia, os homens, em sua maioria, trabalham por imposição, nunca tiveram outra escolha.

As mulheres, socialmente, são o que os acionistas representam para suas firmas: embora nada entendam nem façam quase nada, tudo aquilo que é feito, o é em seu interesse. As casas são construidas conforme suas exigências, a leis, criadas para protegê-las, o capital, aplicado em seu favor, os bens de consumo, fabricados como elas desejam adquirí-los. Os homens, que fazem as leis, decretam sua própria ida à guerra, permitindo a permanência das mulheres em seus lares. Os homens, como corretores da Bolsa, aumentam tanto o dinheiro das mulheres que, na maior parte dos países industrializados, elas já possuem a maioria das ações. Os homens, como religiosos, obrigam seu próprio sexo à castidade, fidelidade e monogamia.

Assim como se pergunta aos acionistas durante a convenção anual: "devemos prosseguir?" e eles respondem "sim, mas com maiores lucros", também os maridos interrompem ocasionalmente suas atividades para perguntar às esposas "estão satisfeitas, devemos continuar?" ao que elas dirão "sim, mas daqui por diante, devem esforçar-se mais". Elas nem querem saber *em que* e *como* devem esforçar-se mais, nem em que terreno. A máquina é tão perfeita que não precisam conhecer suas deficiências, nem julgar as qualificações dos responsáveis. Os próprios homens ventilarão os eventuais pontos fracos do sistema e apresentarão os mais capazes para ocupar os postos de responsabilidade.

A única prova que elas exigem, é o respeito ao "status" de objeto de proteção por parte do candidato, pois é nesta posição que se baseia toda a sua força. A prova terá que ser uma vida privada sem jaça: o homem que quiser representar os interesses femininos numa posição de vanguarda, terá que iniciar pela adoção de uma mulher e procriação de vários objetos de proteção. Em seu passado, naturalmente, não poderá haver divórcio nem infidelidade conjugais, nem outros "fracassos" sexuais. Se não preencher estas condições, jamais será aceito, mesmo com as melhores recomendações por parte de "experts", que, sabendo disto, não propõem tais candidatos. Homens que aspiram a altos postos na administração do império feminino, tais como chefes de Estado, ministros, clérigos, generais, juízes, diretores de bancos, precisam ter norteado suas vidas pregressas, tanto como o atual exercício de suas funções, pelo ideal feminino: jamais abandonar suas esposas, mesmo se não as amarem. Todos nós conhecemos exemplos de homens notáveis que suportaram durante toda a vida a companhia de suas esposas, "pecados da juventude", sem terem o direito de manter paralelamente outra mulher; nem de desejarem pessoas de seu próprio sexo, e assim por diante. Em poucas palavras: os *administradores* devem ser, ou parecer, puritanos, para não perderem as oportunidades. Publicamente, garantirão que, acima de tudo, amam a vida em família, condenam a devassidão, não compreendem a homossexualidade, etc.

Uma frase impensada, um beijo roubado, um encontro secreto poderão ser o final de uma carreira tão desejada.

O *puritanismo real* (puritanismo dos "pais") é mais difícil de reconhecer do que o puritanismo simulado,

pois é de preferência apresentado como sendo o contrário do que realmente é: liberalidade sexual do homem. A causa é o fato de a mulher ser encarada pelo homem como objeto de proteção, — ele é o "pai", vendo, consequentemente, o ato sexual como uma violação do ser mais fraco. O homem somente se libertará dos complexos de culpa daí resultantes, por meio de amplas *confissões*, das quais se reconhecem dois tipos: a direta e a indireta. A primeira, nada mais é do que a *conversa entre homens*, a segunda, as chamadas *anedotas para homens*. Ambas são formas de puritanismo.

Não foi ainda constatado o tempo gasto pelo homem médio com as conversas sobre sexo, realizadas com outros homens. Será, porém, possivelmente, bem maior do que o tempo gasto com sexo propriamente dito. A dizer a verdade, não há um motivo evidente que justifique o fato de um homem adulto falar sobre sexo com outro homem, mesmo que se trate de um homossexual. Naturalmente, o ato sexual é um tema para ser discutido entre parceiros sexuais. O prazer de manter com outros homens longas conversas sobre vivências sexuais, justifica-se apenas por complexo de culpa representados no relacionamento indevido com mulheres.

É o que se observa mais claramente na confissão indireta, ou *anedota para homens*. Para o homem que considera tabu o relacionamento sexual com uma mulher, mas mesmo assim não renuncia a ela, o herói de uma história obscena terá que ser alguém que pratica algo indevido. Por isso, o conteúdo de uma história tipicamente masculina será sempre o ato sexual e, entre os participantes, haverá sempre uma criança inocente, um médico obstetra libidinoso, uma freira ou um padre. Estas histórias não são realmente anedotas, mas con-

fissões sem interesse para pessoas estranhas. O convite para uma sessão desse tipo deve ser sempre compreendido como pretexto para o início de uma terapia de grupo, que se efetua em restaurantes ou em clubes masculinos, em vez de ser realizada em institutos de psicologia. As risadas retumbantes ao final de cada história representam a *libertação*, expressão coletiva de consciências aliviadas.

Uma das formas mais conhecidas de puritanismo masculino é a exigência da noiva intocada. Existe com frequência nos lugares onde impera o puritanismo simulado, no caso, o dos padres.

Com a exigência de uma noiva virgem, o noivo declara categoricamente a condenação do sexo. Submete a um teste todas as mulheres que encontra: se praticarem o ato sexual com ele, são más; se não o fizerem, são boas. Somente provando que não o desejam, serão boas — e ele cuidará delas por toda a vida.

Sofrerá conseqüências a pessoa que renunciar ao sexo até a idade de 23 anos. Portanto, o homem que casar com uma virgem levará para casa aquilo que sempre desejou intimamente, isto é, uma mulher fria, e, dentro de pouco tempo, ele voltará à poligamia simultânea ou esporádica para, como antes do casamento, satisfazer seu impulso sexual com uma "mulher má". A "mulher boa" será a "mãe de seus filhos", um ser assexuado, que vale a pena proteger. Não passa de um engano o fato difundido de que as mulheres de uma "sociedade masculina" são obrigadas à abstinência sexual: a mulher que se mantém por suas próprias mãos, não precisa permanecer intocada, pode ter os amantes que quiser ter.

Como já foi dito, raramente se encontra entre mulheres estas formas de puritanismo. Embora elas existam, as mulheres puritanas são a exceção. A mulher mediana pouco fala nas suas experiências sexuais, raramente relata fatos pornográficos e jamais exige um noivo virgem. Geralmente são raros os homens que simulam infantilidade, por isso são também raras as mulheres que, ao ter relações com eles, cometem ações reprováveis. Assim não ficam com a consciência pesada nem possuem motivos para confissões. Até pelo contrário, para o grande número de mulheres que nada sentem durante o ato sexual (nos Estados Unidos, avalia-se em 75% o número de mulheres que dificilmente atingem o orgasmo), este é um ato de puríssimo amor ao próximo, um sacrifício do qual podem ficar orgulhosas.

O amor entre o homem e a mulher é monógamo, ciumento e fiel

4

O FUNDAMENTO TEÓRICO DO AMOR

Dizíamos que a sexualidade é a base teórica do amor entre o homem e a mulher. Mas por que amamos somente um parceiro, em vez de vários? E aqueles que podem escolher seus parceiros, por que não variam a cada dia? E por que, em vez de aceitar o parceiro que está ao nosso alcance, preferimos renunciar totalmente ao sexo enquanto o ser amado está ausente? Por que, quando amamos, somos fiéis, ciumentos e intolerantes? Por que a fixação a uma determinada pessoa faz parte do amor entre um homem e uma mulher? Para compreendermos melhor tudo isto, é necessário, antes de mais nada, que se saiba o que é um *ser* ou uma *pessoa*, isto é, teremos que ater-nos à estrutura do *eu*.

"O que alguém ou alguma coisa é" diz Klaus Wagn*, "é difinido por tudo aquilo que ele não é". Uma máquina de escrever, colocada num mundo de apenas duas unidades, representaria com certeza algo muito diverso daquilo que representa em nosso mundo altamente diversificado — seria "uma coisa" diferente da "outra coisa", não poderia ser definida mais precisamente. Em todo o caso, para um legionário de César ou para um elefante, certamente essa máquina representaria algo muito diverso do que para uma datilógrafa. O valor

* Wagn, Klaus: "O que o tempo é e o que não é", Munique, 1974.

das coisas depende de seu meio-ambiente, de seu "mundo", precisamente de tudo aquilo que não é. O "tudo" com que se define "algo", diz Wagn, é abstrato, é aquilo que o algo não é. É o *sistema* abstrato que indica o lugar concreto daquele algo, é a base da qual o algo poderá emergir apenas como o "único".

Alguma coisa somente poderá ser definida se ocupar, dentro do sistema, um lugar determinado e imutável. O que significa que o sistema não deve ser contraditório e a definição precisa ter significado. Já que tudo aquilo que é deve ser definido dentro de um sistema, tudo aquilo que é deve ter significado.

O *sistema* é tudo aquilo que o *algo* não é. Posto que algo é, será significativamente diferençado de tudo aquilo que não é, do *sistema*. O que também se refere ao *eu*, contanto que ele seja considerado como *algo*. Eu sou, tanto quanto sou, como algo significativo — algo cheio de significado — distinto de tudo mais, do que eu, como *algo*, não sou: do meu *sistema*. E o meu *sistema* porque me define, é todo mundo, mas é todo o mundo em que *eu* vivo. É o mundo de minha noção de valores, é o mundo tal como o vejo. Poderá haver outros sistemas — outros mundos — mas, para mim, o meu sistema, o meu mundo, é absoluto: os outros sistemas serão definidos, dentro de *meu* sistema, como *algo*, não representarão tudo dentro de meu sistema mas *um aspecto das coisas*. Segundo Wagn, o sistema nada mais é do que o sujeito generalizado. O que for algo definido, será definido significativamente por tudo aquilo que não é, e este *tudo* corresponde finalmente ao sujeito: cada definição surge de um sujeito, pois de onde viria então? O sujeito é o *tudo* que está em situação de definir o *único*. É sua base, da qual poderá emergir. O sujeito tem que ser generalizado, senão suas definições

não estariam de acordo com as de outros sujeitos. Podemos entender-nos com outras pessoas pela palavra, desde que os conceitos sejam idênticos. Um determinado objeto é *objetivo* somente quando todos os sujeitos o definem igualmente, não havendo outra fonte imaginável de objetividade do que justamente esta da concordância dos sujeitos como *sujeito generalizado*, isto é, como *sistema* universal: na mesma época, no mesmo sistema de vida, dominados pela mesma moda, etc...

Portanto, *eu*, enquanto sou, serei definido como objeto concreto pelo *sistema* — pelo "sujeito universal" —, que dentro de um todo, — dentro de tudo —, ocupa seu lugar bem determinado e imutável, isto é, tem seu significado. Mas eu não sou somente um objeto, nem apenas algo concreto. Minha definição como tal se desfaz diante daquilo que, inicialmente, sou: não sou apenas objeto, sou principalmente *sujeito*. Como objeto sou definido como único, concreto, significativo. Como sujeito me assemelho positivamente aos da minha espécie, porque, como sujeito, não serei definido, me definirei por mim mesmo e, aliás, em concordância com (possivelmente) todos os outros objetos concretos. Como sujeito, identifico-me com o *sistema* — como sujeito identifico-me, na medida do possível, com todas as escalas de valores que considero "gerais". Como objeto, sou definido — como sujeito, sou eu quem define, mas sou, também, *classificado* como sujeito geral e abstrato pelos objetos concretos, que eu defino: minha visão do mundo, meu sistema de valores, meu *sistema*, deriva de todas as particularidades que eu jamais conscientizei — como sujeito abstrato, *não sou* nenhuma delas — sou sua base, da qual emergem. Inversamente, *eu defino* significativamente o que conscientizo, em função de

minha visão do mundo. A maneira de definir alguma coisa depende de meu "mundo": tomando por base outras experiências, outra ambiência, outra época, talvez eu julgasse essa coisa diversamente, ou lhe atribuisse um sentido diferente — talvez até eu mesmo fosse outro.

O *eu* somente será, isto é, terá significado, contanto que seja definido pelo *sistema*, o "sujeito universal", dentro do qual se situa. *Eu* interpreto um papel determinado, — significativo —, que me é destinado pelo ambiente, pelo mundo em que vivo, pelo *sistema*. Em outro mundo, em outra época, em outro sistema, eu seria diferente. O *eu* não pode deixar de ser definido, pois sua definição vem do sistema. Somente um sistema sem contradições poderá definir o *eu*. Se o meu sistema definir o meu papel de duas maneiras contraditórias, ele se tornará sem sentido e se anulará. Perderei então minha definição, meu significado, e, junto com eles, minha base existencial: sem definição, nada pode ser. Ser definido, significa vida e gozo, não ser definido, implica em morte e angústia.

Se o meu sistema perder seu significado por contradições surgidas repentinamente, "meu mundo desaba", fico com medo, o medo que os filósofos existencialistas chamam de "angústia existencial", que é, na verdade, o medo pela própria existência, no sentido mais lato.

No caso da morte de um parente próximo, por exemplo, podem surgir contradições e, consequentemente, advir a falta de definição: ele estava firmemente incluido dentro do meu sistema e, sem ele, tudo perde o sentido. Ou então, quando alguém se vê abandonado pelos amigos em situação difícil: eles estavam incluidos, mas agora não se conta mais com eles e o sis-

tema desmorona, não pelas dificuldades da situação, mas pelas contradições do sistema.

Também a própria existência poderá perder o sentido sem nenhum motivo especial, caso alguém comece a pensar e surjam contradições repentinas que não eram esperadas.

O desmoronamento do sistema não quer dizer que o *eu* não possua mais um sistema — sem sistema nada pode ser. Significa apenas uma modificação neste sistema, que, mesmo que não seja essencial, modifica todas as definições: tudo o que até então tinha sentido, perdeu-o, nada mais é como antes. Cada particularidade, antes tão significativamente definida, suscita dúvidas e nasce o desespero, é a situação que pode levar diretamente ao suicídio. Este nada mais é do que a concretização da lei "o que não for definido, não pode ser", mas justamente o ato do suicídio cria novamente algo muito carregado de sentido: quem se suicida, define sua morte como algo muito significativo: *ser definido, ter sentido, é mais importante do que viver.*

Continuando com Klaus Wagn, o equivalente à angústia existencial é o prazer de ser definido, o *prazer da falta de liberdade.* Prazer, porque ele é a condição prévia da vida. É o fundamento teórico do poder psíquico sobre outros (religiões, ideologias) e também sobre o amor entre o homem e a mulher.

O QUE É O AMOR

Os outros me levam a ser o que sou. Sem sua definição, não seria um indivíduo, pois não teria qualidades e não poderia diferir de nada nem de ninguém. Mas é importante que são os outros que me definem. Pois, quanto mais exata for a definição indicada, mais

feliz me sentirei. Apesar de ser, em primeiro lugar, um ser humano, sou, em segundo, um ser sexual: a distinção mais grosseira que se pode fazer entre seres humanos é a divisão em masculinos e femininos. Por este motivo, prefiro ser definido por um ser do sexo oposto. O que traz duas vantagens: o outro — meu *sistema* — é somente um, sua opinião sobre mim não pode ser discutida e ele é o meu polo oposto — quem melhor do que um *homem* para definir-me como *mulher?* O melhor definidor, aquele que melhor poderá dizer como sou, como ser humano e sexual — é, portanto, o meu amante. Também é este o motivo pelo qual o amor pode, antes de qualquer coisa, tornar alguém mais feliz ou infeliz.

O amor é submissão mútua e total. Um homem e uma mulher que se amam, encontram-se em estado de absoluta definição — cada um dos dois sabe, a cada momento, quem, o que e como é, cada um constitui a mais alta instância do outro. Aqui, o ato de definir é tão exato quanto pode ser — o definidor é único e me define totalmente — minha psique, na palestra — meu corpo, no ato sexual. Um amigo ou um inimigo poderá dizer-me algo sobre meu espírito, um amante poderá julgar o meu corpo, mas o amado julga a minha pessoa. Cada carinho seu me dirá como sou: bonita, desejável, cada uma de suas perguntas ou de suas respostas me dirá o que sou — uma pessoa com quem deseja conversar, que é mais interessante do que todas as outras que conhece. Por ter escolhido exatamente a mim, o meu amado me transforma numa coisa única no mundo: *eu* sou amada por ele, mais ninguém. Se for um amor feliz, as definições serão mais exatas a cada dia que passa, depois de cada encontro me conheço melhor. Os outros poderão dizer o que quiserem sobre

mim, lhes darei crédito: somente o meu amado poderá dizer-me como sou. Como suas definições se tornam cada dia mais precisas, fico cada vez mais dependente dele, porém o mesmo lhe acontece. Digo-lhe que lhe pertenço, que faça de mim o que quizer, que sem ele não posso mais viver. O que não é exagero, pois realmente não poderia viver sem ele, não saberia para quem sobreviver e sem ele não saberei nem quem sou. Ele é meu *sistema*. Se o meu amado me abandona, surge uma falta de definição, aguda e espontânea, uma situação de total independência, à qual eu — se realmente tiver sido um grande amor, uma definição absoluta, espiritual e física — somente poderei reagir com apatia, desespero, loucura, suicídio, com *angústia existencial*. O tão ridicularizado mal de amor é, talvez, a maior desgraça que pode atingir um ser humano, é a mais intensa experiência de independência que o mundo pode proporcionar.

COMO É O AMOR

Se o amor for a definição total de espírito e corpo através de um único no outro, terá, necessariamente, as seguintes qualidades:

1. O amor é monógamo

Posso deixar-me amar por dois parceiros, mas eu poderei amar apenas um. Bigamia é uma definição altamente imprecisa: as opiniões que meus parceiros têm sobre mim, devem ser necessariamente contraditórias, pelo menos, nas mínimas particularidades, que é o que conta no amor. Se eu submeter-me ao julgamento de

várias pessoas, não saberei como sou, o que me impedirá de ser feliz.

Esta é uma diferença importante entre o amor de proteção e o de objeto sexual, já que se pode amar vários objetos de proteção ao mesmo tempo, mas somente um objeto sexual de cada vez. Os objetos de proteção são maus definidores. Dizem ao protetor "preciso de ti", mais nada. Não mencionam as particularidades pessoais que lhes são necessárias, pois estas lhes são indiferentes. E estarão prontos para trocá-lo imediatamente por um protetor mais vantajoso, se for necessário (vide o capítulo "os pais não têm autoridade"). A diferença de nível intelectual entre protegido e protetor faz com que também os objetos de proteção se sintam mediocremente definidos, sua dependência do protetor é puramente física.

2. O amor é ciumento.

Se o meu amado definir mais alguém com seu amor, perco minha individualidade. Fico sendo como o outro, que também é amado pelo meu amor (como o amor é monógamo, ele não ama mais ninguém, mas eu o ignoro), *ganho um sósia*. Para tornar a ser única sou obrigada a destruir o sósia ou procurar outro amante.

O ciúme não é necessariamente um sinal de amor, mas não é possível existir amor sem ciúme. A tolerância não se constitui em prova de amor, muito pelo contrário. Quem estiver disposto a partilhar seu amado, estará dando a entender inequivocamente que ele não lhe interessa como parceiro sexual — na melhor das hipóteses, dedica-lhe amizade ou amor ao próximo.

O ciúme somente existe quando se é definido pelo outro parceiro. O objeto de proteção somente me define como protetor, por esta razão, somente posso ter ciúmes quando não estiver mais sendo definido como protetor. Quanto ao mais, ele pode fazer o que quiser, sem que eu fique enciumada. Um amigo não poderá me definir como parceiro no amor, portanto, somente poderei ter ciúme dele se dedicar amizade a outrem. O chamado matrimônio aberto, que tolera a infidelidade do parceiro, não se baseia no amor, mas na amizade. O relacionamento sexual que existe entre os parceiros unidos em "matrimônio aberto", é um serviço prestado pela amizade, que nada tem a ver com amor.

3. *O amor é fiel.*

Quando empreendo algo de que o meu parceiro amoroso não tem conhecimento, suas definições não se adaptam mais a mim. A infidelidade sexual somente é possível se eu não der mais valor, de nenhuma maneira, às definições de meu parceiro, isto é, quando eu não o amar mais. Se, apesar disso, eu enganar um parceiro que eu ame, terei que confessar-lhe tudo, mais tarde. Por mais terrível que isso seja para mim. É somente desta maneira que eu poderei novamente ser definida por ele com exatidão.

PODE O AMOR DURAR?

O amor entre um homem e uma mulher pode durar por uma vida inteira. Não existe nenhum motivo grave para que um casal, apaixonado desde os 17 anos, não possa continuar assim aos 70. Como dificilmente isto acontece, deve-se, em primeiro lugar, procurar o

motivo no já mencionado conceito de amor, que mescla o amor entre um homem e uma mulher ao amor ao próximo, ou então, à pequena escolha de parceiros amorosos apropriados.

O que é um parceiro amoroso apropriado? Seria bom lembrar as duas condições prévias para a realização do amor entre um homem e uma mulher:

a) o maior contraste físico possível,
b) a maior semelhança intelectual possível.

Na maioria das ligações aparece o contraste externo: as leis biológicas exigem a mescla mais perfeita de fatores hereditários extremos, dentro da mesma espécie (vide o capítulo "Que é um parceiro sexual?". Escolhemos instintivamente os parceiros que, de maneira inequívoca, são diferentes de nós.

Geralmente, a semelhança intelectual não existe. Seria necessária, no entanto, pelos seguintes motivos:

1. Quando o parceiro sexual for muito tolo, procura-se, instintivamente, defendê-lo. Quem satisfaz seus desejos sexuais com uma pessoa que lhe é inferior, terá a impressão de estar abusando dela. Sexo praticado com pessoas de plano inferior condiciona comportamentos viciosos (incesto, poligamia) e provoca um peso na consciência (puritanismo).
2. Quando um dos parceiros não tiver semelhança intelectual com o outro, não poderá defini-lo. Se for intelectualmente inferior, não saberá explicar como ele é; se for intelectualmente superior, o parceiro não poderá entendê-lo.

Em outras palavras: para que perdure o amor entre um homem e uma mulher, os parceiros terão que ser semelhantes em todo o sentido, exceto no terreno que considerarem especificamente sexual, onde terão que ser tão contrastantes quanto possível. A duração maior ou menor do amor dependerá da proporção em que forem preenchidas estas condições.

Amores fugazes — casos amorosos — acontecem quando um dos parceiros é de nível intelectual muito inferior. Podem acabar em casamento e acorrentar duas pessoas pela vida toda — o que não modifica o fato deste amor ter sido de caráter precário.

Como pode o amor acontecer entre pessoas desiguais? Como é possível que um homem, embora passageiramente, possa confundir uma grande inclinação por um protegido com um grande amor por uma mulher? Porque pode uma mulher entusiasmar-se por um homem de cuja índole basicamente nada conhece? Lembremo-nos de que amor é definição total, definição de corpo e alma. Em um caso amoroso, o meu corpo pode ser muito bem definido, principalmente, quando a aparência de meu amante corresponde altamente ao meu senso estético. "Tu és linda", "tu és desejável", é a mensagem que me traz o abraço de meu lindo amante, que o meu lhe devolve. Para conservar estas definições lisonjeiras de nossos corpos, a nossa psique vale-se de uma pequena manobra fraudulenta: idealizarei o meu amante, caso ele seja menos inteligente do que eu; procurarei transformar-me no ser ideal, caso eu seja menos inteligente do que ele.

Idealização do parceiro: quando se desejar manter relações sexuais com um tolo, ao ponto de tomar desejo por amor, é muito fácil idealizá-lo. Neste caso, é inteiramentte possível considerar passageiramente a

tolice do parceiro como sendo uma qualidade especial de inteligência, pois enquanto a inteligência se manifesta por ações compreensíveis e lógicas, tornando-se assim mensurável e passível de controle, as ações do parceiro mais tolo dispensam qualquer argumento e, por isso, não são previsíveis nem consideráveis. A tolice pode ter conseqüências flagrantes: o tolo não possui, por exemplo, a imaginação necessária para reconhecer uma situação perigosa — por este motivo poderá parecer aos circunstantes muito seguro e cuidadoso nos momentos de perigo. Um tolo pode decidir-se facilmente, pois não pensando de maneira abstrata, geralmente existe para ele uma única saída em determinadas situações, que não é raro ser exatamente a saída certa. Como ele nada sabe, e por isso não pode estabelecer comparações, o tolo é quase sempre assombrosamente conseqüente na maneira de julgar problemas intelectuais.

Às vezes passam-se meses até que se consiga adaptar um sistema à falta de sistemática do parceiro tolo e desmascarar sua auto-suficiência, mostrando o que ela realmente é: falta de poder de abstração e de sensibilidade, consequência da falta de experiência. Depois disto, apesar de todos os esforços, não será mais possível idealizá-lo e, não podendo idealizá-lo, será impossível amá-lo. O simplório, com sua falta de percepção, não poderá definir a face múltipla de seu parceiro: a criança que diz que seu pai é maravilhoso, comove, mas jamais será digna de fé, pois o pai sabe que, com sua falta de experiência, ainda não pode julgar se, comparado aos outros, ele é realmente maravilhoso.

Quem alguma vez tiver reconhecido que seu amante, no fundo, é um imbecil, perderá dentro de pouco tempo o prazer de sentir-se abraçada por ele, mesmo se o achar lindo. A maior solidão que existe, é a par-

tilha da própria cama com um tolo. O sexo fica sendo "somente sexo" e, caso não houver alguma "adoção" neste espaço de tempo, a ligação terá chegado ao fim.

Idealização da própria pessoa: meu amante, o inteligentíssimo professor X, está entusiasmado comigo. Segundo diz, o que mais lhe agrada em mim é a qualidade Y, que considera uma qualidade incomum, que nem toda mulher possui. Apesar de não entender sua intenção, sinto-me lisonjeada, pois sou uma mulher com a qualidade Y, uma pessoa incomum — eu me idealizo.

Com o tempo, porém, passo a achar tudo isto muito aborrecido: a qualidade Y não me diz nada, nem existe na minha escala de valores. O professor e eu não nos entendemos, falta-nos um linguajar comum.

Encerra uma certa dose de definição o fato de ser amada por um homem culto — me transforma na amante de um homem culto — mas não me diz quem eu realmente sou. Se não tiver havido uma "adoção", abandonarei logo o meu amante de múltiplas facetas, para procurar um amante mais tolo, que saiba falar a minha própria língua e tenha a minha concepção de vida. O professor não serve para meu parceiro amoroso, a ligação com ele seria "somente sexo", por não poder definir-me suficientemente como indivíduo.

"Somente sexo" é o ato sexual sem amor, "somente sexo" é a sexualidade entre duas pessoas que não se entendem fundamentalmente. Os parceiros sexuais de nível intelectual diferente somente poderão permanecer ligados se cada um deles tiver outro amante, que os defina. "Somente sexo" requer infidelidade psíquica, o que se constitui numa saída muito popular entre casais que, por circunstâncias externas, têm que con-

tinuar ligados por toda a vida. A mulher possui uma grande amiga que, pelas mais severas regras do sistema, ela define como feminilidade, e que, em nome de todas as mulheres, julga seu valor "como mulher" pelo número de filhos, pela decoração da casa, pela elegância no vestir, pela situação social do marido, etc. O homem tem amigos, colegas de trabalho, companheiros de credo político, que, em parte, definem sua pessoa. Esta manobra permite que ambos continuem a designar como amor o motivo de sua ligação.

"Somente sexo" também pode ser partilhado por vários parceiros sexuais: um homem que possua uma esposa e uma amante tolas, terá com a esposa relações dos tipos "somente sexo" e "proteção à cria" e, com a amante, relações do tipo "somente sexo", sem "proteção à cria". Será definido por outros.

Os amores de duração média surgem quando o nível de dois parceiros semelhantes, ou a aparência de dois parceiros contrastantes, se transforma de maneira diferente. Por exemplo:

a) no início da ligação amorosa, um dos parceiros se retira da luta pela vida, ao passo que o outro luta por ambos. A consequência será o progresso de um, enquanto o outro permanece no mesmo nível em que se encontrava ao iniciar a ligação. Depois de algum tempo, então, tornam-se demasiado diferentes para poderem definir-se com precisão — o amor chega ao fim.

b) um dos parceiros é lábil, não tendo opinião firmada sobre o mundo que o cerca. A fraqueza é, muitas vezes, um traço de caráter de pessoas de inteligência muito acima da média. Cada fato possui vários aspectos. Pode-se ter, no mínimo, duas opiniões sobre as coisas e cada uma delas é, de uma certa maneira,

correta ou não. Geralmente, a pessoa de inteligência normal não se conscientiza disto, enxerga apenas um dos lados do problema. A pessoa de inteligência acima da média, porém, compreende, e por isso, seu julgamento vacila constantemente de um extremo ao outro. Naturalmente, também o parceiro do mais fraco não é poupado destas mudanças de opinião, pois, principalmente, ele pertence também ao ambiente do mais fraco. O amante deste se vê constantemente exposto a definições contraditórias sobre sua pessoa: às vezes, comporta-se como uma pessoa boa; às vezes, como uma pessoa má; às vezes, é elogiado; às vezes, condenado. Na verdade, ele é constantemente definido de maneira precisa. A qualidade, porém, da definição nunca é duradoura. Com o passar do tempo, ele absolutamente não acreditará nas coisas que seu parceiro disser a seu respeito, retirará sua confiança e procurará um definidor mais seguro.

c) Um amor também poderá chegar ao fim quando a semelhança intelectual for conservada, mas o contraste exterior for diminuindo cada vez mais. Uma engenheira que, além da paridade de conhecimentos com seus colegas, assumir também suas atitudes, usando cabelos curtos, falando, rindo e se movimentando como um homem, parecerá cada vez menos "feminina" aos olhos de seu parceiro. Um cabeleireiro que começar a maquilar-se, a usar perfumes e fazer as unhas, não exercerá mais nenhuma atração sobre sua parceira, que se apaixonou quando ele ainda não usava maquilagem, nem perfumes, nem esmalte de unhas — ele lhe parecerá "emasculado".

Como todos sabem, os *grandes amores* são muito raros. Para que surja um grande amor, como já dissemos, será necessário que existam duas condições prévias: específica oposição aparente dos parceiros (o homem muito másculo e a mulher muito feminina são polos opostos) e semelhança em todos os setores não especificamente sexuais (o homem e a mulher têm a mesma inteligência, a mesma sensibilidade, etc.). Estas condições raramente são preenchidas, porque:

as mulheres que, em sua aparência, contrastam inequivocamente com os homens, *mulheres de aparência muito feminina* —, são mais desejadas do que as outras por motivos biológicos, pois as leis biológicas costumam mesclar com sucesso fatores hereditários extremos dentro de espécies idênticas. Esta cobiça lhes garante uma sobrevida fora de concorrência: os homens que as desejam estão dispostos a pagar qualquer preço por sua companhia. Uma mulher de aparência muito feminina, teria que possuir muita força de vontade para, apesar das tentativas de suborno por parte dos homens, expor-se à luta pela existência, como eles o fazem. Geralmente escolhe o caminho mais fácil, deixando o homem lutar por ela. As mulheres muito femininas não precisam ser inteligentes para sobreviverem, por isso mesmo, geralmente, não se tornam inteligentes. Elas preenchem apenas uma das duas condições prévias para o amor, que é o da oposição aparente ao parceiro.

As mulheres que, em sua aparência, não apresentam inequívoca diferença com os homens, — *mulheres de aparência pouco feminina* —, são, por motivos biológicos, menos cobiçadas do que as outras: raramente, ou jamais, serão expostas às tentativas corruptoras dos homens. As mulheres pouco femininas, para sobreviver, terão que lutar pela existência, da mesma maneira que os homens e, também como eles, desenvolver o in-

telecto. Por este motivo, também são raras as mulheres de aparência pouco feminina que preenchem apenas uma das condições prévias para o amor: as que possuem paridade intelectual com o parceiro. Geralmente, não preenchem a outra condição, que é a da aparência constrastante.

As conseqüências que daí resultam são as seguintes:

1. Sempre que for o homem quem escolhe o parceiro, achará que lhe falta uma das condições prévias para o amor (a mulher será para ele pouco feminina ou demasiado tola).
2. Sempre que for a mulher quem escolhe o parceiro achará que lhe falta uma das condições prévias para o amor (o homem será para ela pouco másculo, ou muito tolo, ou demasiado inteligente).

Como a concretização das leis biológicas têm preferência — visto que um impulso é mais forte do que uma necessidade psicológica — as mulheres tolas e femininas têm preferência sobre as mulheres inteligentes, mas pouco femininas.

O que leva aos seguintes sofismas:

a) os homens pensam que a inteligência exclui a feminilidade nas mulheres, mas a verdade é justamente o contrário: a falta de feminilidade torna as mulheres inteligentes,

b) as mulheres pensam que a inteligência afasta os homens. Na verdade, acontece o contrário: a inteligência não afasta os homens, eles realmente temem

mais a falta de feminilidade do que a falta de inteligência (é apenas uma questão de prioridade).

Encontramo-nos num círculo vicioso: os homens não podem encontrar mulheres para o amor, e aquelas que dão maior valor ao amor de um homem do que à sua proteção, não podem ser mulheres para o amor. Como elas pensam que os homens evitam as mulheres inteligentes, excluem tudo aquilo que poderia alargar seus horizontes e, por isso mesmo, afastam-se cada vez mais do amor. Mas como não há regra sem exceção, chegam assim mesmo, às vezes, a um grande amor, daqueles que duram por toda a vida.

Pais públicos
Filhos públicos

5

JORNALISTAS COMO PAIS PÚBLICOS

O mundo é um matriarcado, onde os homens brincam de patriarcas. Sem esta brincadeira, o matriarcado não seria absolutamente possível. Esta brincadeira precisa continuar sendo uma brincadeira, pois, se algum dia se transformasse em realidade, seria o fim da hegemonia feminina. Para que isto não aconteça de modo algum, as mulheres servem-se da "mass media" e preparam uma parte dos jornalistas que ali trabalham para ativar o cultivo da imagem feminina por meios ilícitos. Eles são escolhidos para dizer aos outros homens que as mulheres são fracas e necessitadas de proteção, e que o verdadeiro amor por uma mulher deve incluir qualidades de amor ao próximo.

O verdadeiro patriarca seria o homem que

a) ampara outras pessoas e

b) toma isto como pretexto, a fim de impor-lhes uma determinada maneira de vida.

Somente a qualidade *a* de patriarca é desejável para as mulheres, pois elas não podem aproveitar a qualidade *b*. Mas acontece que *a* não funciona sem *b*: quem ganha o dinheiro, quer também determinar a forma de gastá-lo, para não perder o gosto pelo trabalho. Para que a proveitosa qualidade *a* seja conservada, o homem precisa pensar que também possui a quali-

dade *b*. Em outras palavras: para que a valorização econômica de sua energia se realize sem atritos, o homem precisa estar convencido de estar exercendo opressão sobre sua mulher. É necessário sugerir-lhe que, em troca do dinheiro que ganha para ela, deveria ser obrigada a executar os mais ínfimos trabalhos escravos e ser explorada sexualmente.

Em base privada, esta manobra de simulação é de difícil execução: todo marido sabe que, no controle automatizado de sua casa, a mulher poderá ser tudo, menos escrava. Na maior parte dos casamentos, a mulher decide todos os problemas financeiros, pois, segundo estatísticas, a decisão das compras pertence quase sempre somente à mulher, apenas no caso dos bens de consumo, para cuja apreciação se exigem conhecimentos técnicos, — automóveis, eletrodomésticos —, ela decide em conjunto com o marido. No âmbito social, é a mulher quem toma quase todas as decisões: determina o número de filhos por meio do uso objetivo dos anticoncepcionais, decide sua educação com sua presença em casa, escolhe os amigos e parentes com quem devem manter relações de amizade. Nem se pode falar em exploração sexual: a freqüência do coito, após 10 anos de casamento, é fixada pelo americano Kinsley em duas vezes semanais. Mesmo para uma mulher frígida, — para outro tipo de mulher isso não se constituiria em exploração —, não é nenhum caso de estafa.

É muito mais fácil enganar um homem, quanto ao papel que desempenha, por meio da influência sobre a opinião pública. Todo homem sabe que pessoalmente não explora ninguém nem oprime ninguém sexualmente, mas, quem sabe, os outros o fazem? Se os jornais, rádios e tevês continuam repetindo diariamente a

mesma coisa, acabará acreditando. Se os mais cultos continuarem repetindo aos menos cultos que até uma relação sexual normal deve ser interpretada como uma violação da parceira, que o breve e monótono trabalho de uma casa inteiramente automatizada, a companhia de crianças e amigas durante todo o dia, a espera pelo marido ausente, são a mais sutil das formas de escravização humana em todos os tempos, então também ele se sentirá como um dos tipos brutais que impedem suas mulheres "de se realizarem". E assim a luta pelo pão de cada dia para a sua filha adotiva terá novamente sentido.

Pais públicos são homens que divulgam entre seus colegas masculinos dados falsos sobre a mulher, mantendo assim o "status" feminino de objeto de proteção. São os jornalistas de diários e revistas que se ocupam de "assuntos femininos", redatores de rádio e tv que preparam folhetins sobre a "mulher oprimida", fazedores de filmes sobre a emancipação da mulher qualquer que seja seu colorido político, pseudo-escritores que se jactam de sua força e documentam romanesca ou autobiograficamente o "abuso" sexual exercido sobre suas inocentes companheiras de folguedos, etc.

Todos estes *pais públicos* têm algo em comum: não agem por motivos indignos. Alguns deles são obrigados a dizer inverdades, outros, desejariam poder acreditar no que eles mesmo dizem, e outros, ainda, que acreditam realmente em suas afirmativas. Por isso, distinguimos entre

a) pais públicos involuntários
b) pais públicos voluntários
c) pais públicos por incapacidade

Trata-se aqui de jornalistas, obrigados por seus editores, ou produtores, a falsas afirmações. Um jornalista que não possa arriscar seu emprego, — portanto, um jornalista com família —, é obrigado a escrever o que o seu editor deseja. Parece até que a liberdade de imprensa é uma liberdade de imprensa para editores, porém, fundamentalmente, ela não é nem isso. O editor que quiser vender seu produto, deve agir segundo as leis de economia de mercado, isto é, editará apenas aquilo que o público quiser ler. A liberdade de imprensa, em última análise, nada mais é do que a liberdade que o consumidor tem de poder ler em seu jornal aquilo que pensa. Por motivos já citados, tanto os homens como as mulheres querem ler que as mulheres são "oprimidas" — portanto, um jornalista mal terá oportunidade de publicar alguma coisa em contrário. Numa sociedade capitalista, não é a "mass media" que manipula a população mas a população quem manipula a "mass media".

A decisão ainda estaria com as mulheres, mesmo quando os homens desejassem ler alguma coisa sobre o papel que interpretam. Apesar de ambos serem leitores, a mulher é a consumidora em larga escala. Como já foi dito, nas compras de artigos de decoração e de instalação do lar, de artigos de consumo diário, a decisão é tomada pela mulher, sendo por este motivo dirigidas a ela as campanhas publicitárias, direta ou indiretamente. Como os órgãos da imprensa, em sua maior parte, são financiados pelos anúncios, desapareceriam automaticamente no dia em que as mulheres deixassem de comprar determinado jornal ou revista, por não lhes agradar a redação dos mesmos. Assim sendo, os

homens, mesmo que quisessem, jamais teriam chance de publicar sua opinião sobre as mulheres num órgão da imprensa que é dirigido, em sua maioria, apenas a um dos sexos.

O mesmo raciocínio é válido para as transmissões de tv, financiadas pela propaganda. Na maior parte dos países ocidentais, ver televisão é ver propaganda. O que significa que também suas transmissões dependem da censura feminina. Naturalmente, não se trata de censura prévia, mas posterior. Funciona da seguinte maneira: se o órgão não tiver acolhida, o produtor estará liquidado. Ele procura evitar isso com a autocensura. Às vezes, pode-se ensaiar uma maneira cautelosa de apresentar algo que retrate as mulheres com maior fidelidade, o que pode ser útil e atrair o interesse passageiro de determinado jornal, mas a vitória final será sempre da mulher. Para cada artigo que critique as mulheres, serão publicados centenas que as glorifiquem. É principalmente nas publicações dirigidas aos leitores masculinos que se nota que eles não se interessam pelo seu verdadeiro papel. Uma revista feminina moderna como a "Cosmopolitan" talvez pudesse arriscar-se a criticar a sociedade paternalista, pelo fato de ser lida exclusivamente por mulheres, que sabem muito bem o que fizeram dos homens. As revistas masculinas são artigos de consumo de pais para pais: TIME, NEWSWEEK, L'EXPRESS, DER SPIEGEL, VEJA, são obrigadas a apresentar os homens como brutais opressores do sexo feminino. Que sentido teria a luta de seus assinantes, se aquelas por quem se batem não fossem objetos de proteção e se lhes fosse dito que são eles realmente os mais escravizados? Os editores de revistas masculinas e as mulheres lutam pela mesma causa: mesmo que soubessem quem

oprime a quem, não se arriscariam a publicar a verdade em seu jornal.

PAIS PÚBLICOS VOLUNTÁRIOS

Quando a inteligência humana ultrapassa uma determinada medida, poderá tornar-se perigosa. O inteligente médio, como já vimos, sempre vê apenas um dos aspectos dos fatos, o que facilita suas decisões em determinados momentos, levando-o a "dominar" sua vida, relativamente, sem esforço. Mas os fatos podem ser encarados sob vários aspectos. O inteligente acima da média os vê de uma só vez: à opinião que tem, acrescenta a que poderia ter. Então, que é errado? O que é certo? Agindo de uma ou de outra maneira, o resultado será aquele ou aquele outro, que também poderá acontecer.

A super-inteligência leva à falta de decisão e à angústia existencial. O intelectual deseja, acima de qualquer coisa, encontrar alguém que lhe diga como deve agir. Está sempre à procura de proteção e não a encontra em parte alguma. Quem deverá eleger como protetor? Não poderá ser alguém mais tolo do que ele, e não se encontra de pronto alguém mais inteligente. Assim como a mulher muitas vezes deve a sua "falta de feminilidade" — falta de indícios especificamente femininos —, o desenvolvimento de uma capacidade intelectual normal, o homem também ficará a dever muitas vezes, à sua "falta de masculinidade", — falta de indícios especificamente masculinos —, a super-inteligência de que é dotado. Chama a atenção o fato de grande percentagem dos chamados homens intelectuais parecerem fisicamente pouco robustos. A incapacidade para bater num colega de classe pode ter sido

maior causadora do aparecimento de grandes pensadores do que o interesse pelos segredos do universo: pode provocar o recolhimento automático a um plano em que se alcança a auto-suficiência, que nos poderá ser negada em outro campo. Como os jovens portadores de óculos são também muitas vezes grandes leitores, muitos pensam que a leitura provoca defeitos na visão. Mas a verdade é que estas pessoas lêem porque têm olhos fracos. Motivados por sua constituição peculiar, procuram acrescentar outros valores.

Para os homens, há duas possibilidades: ou confessam sua angústia existencial, ou a ocultam sob a máscara da valentia. A mulher pode ser medrosa, deve sê-lo, mas o homem não pode. Como o homem medroso não procura um objeto de proteção, mas quem o proteja, — uma mãe —, ele se mostrará mais difícil do que os outros. Uma mãe teria que lhe ser intelectualmente superior e fisicamente contrastante. Será difícil encontrar uma mulher que preencha estas duas condições. A idealização da mãe surge sempre após o sucesso profissional. Quando um intelectual se torna conhecido como escritor, pintor, diretor ou compositor, pode ter conseguido descrever a outros intelectuais, de maneira convincente, sua angústia existencial, a ponto destes conseguirem se identificar com ele. Encontra depois ainda uma mulher para "protegê-lo". É o momento de demonstrar abertamente sua angústia, que pode torná-lo até mais interessante. Em sua obra, descrevem sempre mulheres fortes e poderosas, a quem os homens se entregam incondicionalmente. Os artistas masculinos, em relação às mulheres, sempre serão adoradores ou delatores, — Ingmar Bergman ou Norman Mailer —, nunca são encontrados no mesmo plano.

No entanto, a maior parte dos intelectuais parece preferir a imagem de Norman Mailer ao do eterno adorador. Por receio de verem a sua angústia descoberta, imitam os homens que desejariam ser. Como poucos dentre eles são bons artistas, muitas vezes ultrapassam o objetivo; principalmente, quando se trata de grupos maiores de intelectuais, o exagero chega a ser grotesco. Quem, hoje em dia, entrar inadvertidamente na redação de um jornal, de uma estação de tv ou de uma agência de publicidade, — lugares, portanto, onde existem ultra-sensíveis em demasia —, deve sentir-se como se estivesse em um cargueiro. Os homens que se encontram nestes lugares inteiramente climatizados e atapetados, parecem esperar, de um momento para o outro, que se faça a chamada para ir alimentar a fornalha com carvão, carregar o navio ou lançar a âncora. Com seus casacos de couro gastos, suas calças resistentes de algodão, suas barbichas, cachimbos e apitos, parecem gente do mar, operários de construção, não tendo a aparência de homens cujo único esforço físico consiste em segurar um lápis entre os dedos.

São *ultracompensados* os homens que imitam os outros homens com exagero. Fazem tudo o que os outros fazem, mas como não existe necessidade real de fazê-lo, perdem a proporção. Somente por serem de opinião que se trata de uma atitude masculina, atormentam-se com uísque e cachaças fortes, estragam a saúde com cigarros feitos à mão, passam os sábados em campos de futebol, assobiam para os homens, viajam apertados em incômodos carros esporte ou em velozes motocicletas BMW, etc. Apesar de serem contra qualquer derramamento de sangue, lutam fanaticamente contra quaisquer limitações de velocidade no

trânsito. Apesar de temerem a morte como ninguém, — são os únicos a imaginá-la fantasiosamente —, são fumantes inveterados, garantindo-se assim uma morte prematura por câncer pulmonar. Apesar de serem tímidos no trato com as mulheres, e de costumarem usar expressões escolhidas, — dizem ser "frustrados", "progressistas", e sabem o sentido dessas expressões —, conversam entre si no mais vulgar jargão operário (mulheres são "bonecas", "fêmeas" que a gente "crucifica" e "trepa"). Enquanto o operário, que lhes serve de modelo, usa aos domingos sua melhor roupa, eles põem também no fim de semana o uniforme de trabalho. Para comparecer a reuniões culturais, tais como concertos, teatros, exposições de arte, vestem-se elegantemente com conjuntos "jean", desbotados artificialmente: a imagem do homem "diferente" deve ser defendida a qualquer preço.

Somente recorrem à sua inteligência superior e confessam sua fraqueza diante dos fortes, nos terrenos em que não podem igualar seus modelos. Um intelectual, geralmente, não sabe pregar um prego na parede, "não sabe como funciona um automóvel", "não entende de questões econômicas" e, quando precisa trocar um fusível, chama o porteiro. Saber fazer essas coisas, demonstraria uma inteligência primária, e ele é um sujeito legal, mas nem por isso é um primário. Assim como a mulher, para ser feminina, não deve saber nada, o intelectual também não deve, pois já sabe outras coisas.

É de valor incalculável, para as mulheres, o fato dos *ultracompensados* exercerem suas atividades exatamente onde elas mais necessitam deles, nas editoras e nos jornais, no rádio e na tv, nos institutos de psicologia, na pesquisa de opinião pública e de mercado,

como também de gostarem tanto de se ocuparem com "problemas femininos". Ao contrário dos adoradores, não dizem às mulheres "vocês são as maiores". É natural que também neste campo queiram ultracompensar, e é por isso que gostam tanto dos "problemas femininos". Dizem "nós somos os maiores, e vocês, pobres coitadas, ainda não descobriram o quanto nós exploramos e abusamos de vocês?". E não pode ser de outra maneira: para que não demonstrem o quanto estão necessitados de proteção, os ultracompensados precisam apresentar, como tal, justamente aqueles de quem esperam proteção. O homem médio tem aparência de forte, o intelectual precisa encontrar alguém mais fraco do que ele, para que possa parecer forte.

Portanto, os homens intelectuais são os melhores aliados que as mulheres podem desejar para defenderem sua condição de objetos de proteção. Assim, defendem os interesses masculinos e femininos: a mulher precisa parecer fraca; o intelectual, forte. O jornalista que, em sua coluna diária, comenta a maneira impiedosa como os homens oprimem as mulheres, — sem que ele próprio o faça —, é quem mais se aproxima da idéia que as mulheres fazem do bom jornalismo.

O redator de tv que se mostra indignado contra a designação de "objeto sexual" e recomenda a seus companheiros de sexo que adotem, no trato com as mulheres, as virtudes do amor ao próximo, tais como o espírito de sacrifício, o desprendimento, a tolerância, faz o melhor programa de televisão, segundo o critério feminino.

É irônico o fato de justamente os homens mais necessitados de proteção dizerem às mulheres o quanto elas necessitam de proteção, e que justamente os neutros sexuais lhes digam o quanto é abusivo o trata-

mento que os homens lhes dão na cama. Mas, como tudo isso é do interesse de todos, — também dos outros homens —, ninguém examinará mais de perto a questão. São muito raras as mulheres que não querem ser protegidas e, no entanto, são as únicas que poderiam adotar uma posição contrária: — mas a opinião de tão poucas não pesa na balança.

PAIS PÚBLICOS POR INCAPACIDADE

Há homens que não somente dizem que as mulheres são oprimidas por eles, mas que realmente acreditam nisso. São os pais públicos por incapacidade intelectual — homens que não conseguem dar interpretação conjunta aos fatos mais simples.

Esta incapacidade não precisa atingir necessariamente todo o processo intelectual, pode atingir apenas uma parte. Friedrich Engels, Karl Marx, August Bebel, Sigmund Freud, foram homens inteligentes, mas falharam inequivocadamente na análise das relações intersexuais (vide capítulo "o sexo mais fraco é o mais forte"). Explica-se isso pelo fato de que os homens educados por mulheres, — e quem não o é? —, não estão mais, absolutamente, em situação de opinar imparcialmente sobre elas. (Este assunto foi pormenorizadamente descrito em meu livro O HOMEM DOMADO.) Atualmente, a psicologia parte do princípio de que a noção dos valores humanos, em sua maior parte, é transmitida pela pessoa forte, — a mãe, portanto —, logo nos primeiros anos de vida. Os maiores árbitros de mulheres provinham de famílias burguesas bem situadas, suas mães eram objetos de proteção de primeira ordem, que defendiam naturalmente sua con-

dição privilegiada com conhecidos métodos de lavagem cerebral. Viam raramente o pai, que era o verdadeiro escravo da família, dado o seu trabalho escravo em prol da mulher e dos filhos.

Naturalmente, também é possível, o que já foi devidamente esclarecido, que os mencionados revolucionários fossem demagogos habilidosos que, por motivos políticos, inventaram a lenda da mulher oprimida. Considerando suas realizações intelectuais em outros campos, esta explicação torna-se óbvia. A exceção talvez fosse Sigmund Freud: se estava consciente das tolices que afirmava a respeito das mulheres, é possível que pertencesse ao grupo dos "ultracompensados".

A bem dos históricos árbitros femininos, deve-se dizer que, antes da implantação do direito feminino ao voto e sem a aceitação atual do esclarecimento sobre assuntos relativos ao sexo, os homens ainda poderiam achar que as mulheres viviam oprimidas. Quando um intelectual como John Kenneth Galbraith, professor em Harvard no ano de 1974, denomina a mulher dos Estados Unidos de "criada do homem" e põe no papel frases como esta: "Na marcha da democratização, quase toda a população masculina tem hoje uma esposa à sua disposição como criada" (in J. K. Galbraith: *Economia Estatal e Empresarial*, Munique, 1974), então, encontra-se para isto apenas duas explicações plausíveis: ele não quer ver os fatos, ou não pode vê-los (se faz de tolo ou é tolo). Ignora, pois, no mínimo, os seguintes fatos válidos para a maior parte dos países industrializados do Ocidente:

1. Os homens prestam serviço militar; as mulheres, não.

2. Os homens vão à guerra; as mulheres, não.

3. Os homens aposentam-se mais tardiamente do que as mulheres (embora, por motivo de sua expectativa de vida mais curta, tivessem direito a aposentar-se mais cedo).

4. Os homens não têm influência prática sobre sua própria descendência (para eles, não há pílula nem interrupção de gravidez; são obrigados — ou podem, apenas — ter os filhos que suas mulheres quiserem ter).

5. Os homens sustentam as mulheres; as mulheres não sustentam os homens, a não ser ocasionalmente.

6. Os homens trabalham por toda a vida; as mulheres não trabalham ou o fazem, apenas, ocasionalmente.

7. Embora os homens trabalhem durante toda a vida e as mulheres, apenas ocasionalmente, ou nem sequer trabalhem, eles, tomados globalmente, são mais pobres (as mulheres dos Estados Unidos detêm 61% da fortuna privada daquele país).

8. Os homens têm apenas filhos "emprestados", as mulheres podem guardá-los (como os homens trabalham durante toda a vida e as mulheres, não — eles são automaticamente espoliados de seus filhos pela mãe, em caso de divórcio, sob a argumentação de que precisam trabalhar).

A lista das desvantagens masculinas poderia ser aumentada à vontade. Se um jornalista, em vista destes fatos comprováveis, continuar afirmando que a mulher é a escrava do homem, acreditando nesta sua assertiva, errou a profissão, pois não sabe desenvolver logicamente seu pensamento.

Que seria uma acusação sem testemunhas? Quando os pais públicos querem afirmar que oprimem as mulheres, precisam de mulheres para comprovar esta afirmação — pois onde não houver prejudicados, não se poderá afirmar que haja crime. As mulheres que confirmam estas declarações, são as *crianças públicas*. Como advogadas em causa própria, estas representantes do sexo feminino garantem aos homens que as mulheres se sentem realmente escravizadas, exploradas, mal-interpretadas, e humilhadas. Com esta finalidade, distribuem propositadamente provas falsas, dramatizam determinada situação ou apresentam casos trágicos como exemplos. Os homens e mulheres que se arvoram em justiceiros do sexo feminino são como crianças que brincam de "enterro": abrem uma cova, matam uma lagartixa e a enterram, para depois soluçar em altos brados.

Depende naturalmente do local em que se faz o enterro: as crianças que querem chamar a atenção dos pais para a sua dor, choram em lugares de onde estes possam ouvi-las, o mais perto possível de suas casas. As mulheres que querem convencer os maridos de sua triste sina, enterram suas "lagartixas mortas" no local em que mais apareçam, como nas grandes cidades, preferentemente em Nova Iorque, Estados Unidos. O fato de ser este o lugar menos apropriado, por ser exatamente nos Estados Unidos que a mulher tem uma vida muito confortável, em nada influencia a emoção geral.

As *crianças públicas* surgem nas vizinhanças dos *pais públicos*, e a maioria destes, bem como os mais influentes, encontram-se na cidade de Nova Iorque,

onde se localizam as mais citadas e imitadas produções jornalísticas do mundo: NEW YORK TIMES, TIME e NEWSWEEK. Por este motivo, a opinião dos *pais públicos* da América do Norte é obrigatória para todos os outros. Se os jornalistas dos Estados Unidos disserem que os homens escravizam as mulheres, os europeus, sul-americanos e australianos não ousarão contradizê-los. O assunto é do interesse de todos: os *pais privados* de todos os países querem ler o mesmo que os norte-americanos.

A "National Organization for Women" (NOW), o mais prestigiado movimento pelos direitos da mulher, nos Estados Unidos, que conta com quase 40 mil associadas, assim mesmo não convence do acerto das idéias que defende. Quando o humorista americano Alan Abel conclamou seus compatriotas a vestirem seus animais domésticos, cuja nudez feria a pudicícia humana, também conseguiu 40 mil adeptos para esta suposta campanha. Deve-se encarar o fato em suas devidas proporções: num país de mais de 200 milhões de habitantes, nada é tão errado que não encontre adeptos. É evidente que o mito da mulher sem privilégios teria que ser defendido justamente onde a mulher tem a melhor das vidas: homens e mulheres devem esforçar-se muito para conseguir esconder a evidência.

Se a NOW consegue maior prestígio que qualquer outra organização congênere — quem, na Europa, já ouviu falar na campanha de Alan Abel — é porque os homens e mulheres dos Estados Unidos sentem sempre a necessidade de ouvir exatamente esta opinião sobre a mulher. Qualquer que seja a invenção das justiceiras femininas para efeitos de propaganda, por mais desajeitada, sem gosto ou absurda que ela seja, poderá ser lida no jornal da manhã seguinte, ou por ser de sua

autoria — muitas delas são jornalistas e detêm firmemente em suas mãos as "páginas femininas" de quase todos os grandes jornais americanos — ou porque foram conscienciosamente citadas por algum pai público. Dali, a mensagem segue seu caminho pelo mundo inteiro: se as justiceiras americanas forem a favor ou contra Kissinger, Marilyn Monroe, calças compridas, calças curtas, "sprays" vaginais, lesbianismo ou abstinência sexual, terão suas idéias reproduzidas com seriedade na imprensa européia. Quem seria tão chauvinista, ao ponto de não publicar em seu jornal as notícias de tão corajosas mulheres em luta pela liberdade?

Por que elas fazem isso? — é o caso de perguntar. Qual a vantagem das jornalistas e escritoras apresentarem suas companheiras de sexo como beneficiárias da assistência social? Por que querem a todo custo fazer o papel de vítimas? Abstraindo o lucro material, será que as mulheres ganham mesmo tanto com a consciência pesada dos homens?

As jornalistas não são heroínas. Fazem o que é mais fácil e, — aliás, com poucas exceções —, escrevem exatamente o que os leitores desejam ler. Não são elas as culpadas da *distorção* da imagem feminina, e sim aqueles que compram esta imagem. Não existe mais nenhuma jornalista proeminente que ainda creia seriamente na opressão da mulher, — é ponto de honra presumi-lo —, mas enquanto esta imagem estiver sendo vendida, será também fornecida. A libertação verbal da mulher transformou-se numa verdadeira indústria, principalmente nos Estados Unidos. Há revistas especiais, como a "Ms.", por exemplo, cujos negócios vão bem, que pode até publicar em papel "couché" as fotos coloridas de suas oprimidas e libertadas.

A lenda das escravas do homem faz concorrência aos Irmãos Grimm.

As "páginas femininas" levam sobre as outras seções dos jornais a vantajem de serem muito simples. Para colocar a escravidão feminina no pelourinho, a testemunha não precisa ter coragem (se ninguém é contra, não há inimigos), nem estilo (a maneira de escrever é indiferente, o principal é apresentar a mulher como escrava), nem conhecimentos técnicos (em caso de necessidade, basta a vagina como documentação profissional), nem idéias (que são sempre fornecidas pelos homens).

A idéia da opressão da mulher, como já foi dito várias vezes, partiu dos homens. Não nasceu de uma Beauvoir, Friedman, Millet ou Greer — pois, poderiam as mulheres pensar alguma vez que sofrem opressão? Partiu de Marx, Engels, Bebel e Freud. As intelectuais fornecem apenas as "lagartixas mortas", necessárias às "cerimônias fúnebres". Usam para isso os seguintes métodos:

a) relato dos fatos
b) relato *confidencial*
c) estatísticas incompletas

No relato dos fatos, a mulher conta muitas vezes o seu destino, realmente trágico.

No *relato confidencial,* as mulheres descrevem como podem "sentir como mulher" uma determinada situação. Germaine de Greer declara aos leitores de "Playboy" que, *para uma mulher*, todo ato sexual equivale a uma violação. Gloria Steinem diz aos leitores de "Der Spiegel" que existem poucas mulheres dedicacas ao exercício da medicina porque, *como mulher,*

não se pode imaginar sequer que uma mulher abrace esta profissão. Ellen Frankfort ("Vaginal Politics", Nova Iorque, 1972) comenta a falta de cirurgiãs porque, *como mulher*, deve-se evitar esta especialidade, pois, segundo os homens, o fato de permanecer em pé por muito tempo, favorece o aparecimento de varizes, o que torna a mulher menos atrativa para o sexo oposto. Para demonstrar como a mulher se sente em face do dia-a-dia, elas se comparam às minorias raciais: as americanas acham que são tratadas em igualdade de condições com os negros de sua terra, e as dos demais países ocidentais acham que lhes é dado o mesmo tratamento que aos negros americanos ("Nós somos os negros da nação").

Enquanto os dois primeiros relatos são manipulados de maneira dramática, o método da *estatística incompleta* é apresentado de uma maneira fria e científica. Consiste em citar a primeira parte de uma pesquisa ou "enquete", esquecendo, como por acaso, de mencionar a segunda parte: lamenta-se a ínfima percentagem de mulheres na política, silenciando, no entanto, o fato de as mulheres deterem a maioria dos votos (cerca de 51 a 52%), o que tornaria vitoriosa a nomeação ou eleição de qualquer político que quisessem nomear ou eleger.

Costuma-se aplaudir a alta percentagem de mulheres que trabalham, esquecendo de esclarecer que, nos números em questão, apenas a metade se refere a trabalho em horário integral, e que são poucas as "permanentes". Aparecem nas estatísticas somente as "ocasionais", que se renovam sempre. Além disso, o profissionalismo feminino ainda não é absolutamente comparável à estatística do profissionalismo masculino,

em virtude da mulher não precisar sustentar o marido e os filhos.

Fala-se muito na carga dobrada que enfrentam as mães de família profissionalizadas, esquecendo, porém, que as estatísticas apontam, para os homens que trabalham, além do compromisso profissional, a execução de tarefas como: idas às repartições públicas, declarações de impostos, reparos no lar, vigilância de carros, jardinagem e cuidados com as crianças.

Costuma-se culpar a "sociedade masculina" por ainda pagar às mulheres ordenados menores, esquecendo, no entanto, que os acordos salariais são negociados entre os sindicatos e os patrões, e que apenas pequena parte das mulheres profissionalizadas são filiadas aos sindicatos, e, muito menos, empregadas por eles.

É comum ouvir-se dizer que as mulheres executam tarefas desagradáveis, tais como as de faxineiras, encarregadas de banheiros públicos, mas ninguém comenta o fato de serem os homens que executam as tarefas verdadeiramente desagradáveis, como as de lixeiro, varredores de ruas, limpadores de cloacas, coveiros, açougueiros, especialistas em proctologia, pele e doenças venéreas, anatomia patológica.

Culpa-se também os homens pela promulgação de leis que proíbem o aborto ("sou dona de meu corpo"), esquecendo que as estatísticas falam em maior número de homens, do que de mulheres, na luta pela legalização do aborto, e que são os partidos conservadores que impedem a aprovação da lei, por sua maioria de eleitores.

Culpa-se os homens de haver descoberto a pílula anticoncepcional para uso das mulheres, em vez de fazê-lo para si, esquecendo que a indústria farmacêutica internacional investiu, até agora infrutiferamente, somas fabulosas para a descoberta da pílula masculina, ultrapassando mais de mil vezes os investimentos feitos para a pílula feminina que, além de tudo, deixa o homem na dependência da mulher.

Valoriza-se o fato de haver maior número de mulheres, do que de homens, nos consultórios dos psicanalistas, querendo assim provar o desespero feminino, silenciando, porém, sobre os suicídios masculinos cuja percentagem é mais alta. É preciso também lembrar que, além de tudo, são os homens quem financiam o alto custo das sessões de confissão, realizadas nos consultórios dos psicanalistas.

Os "filhos públicos" não querem livrar-se do "pai", muito pelo contrário. Enquanto o responsabilizam pela parte desagradável de suas vidas, estão procurando transformá-lo, cada vez mais, em "pai". Não exigem tratamento auto-responsável, mas uma educação anti-autoritária. Cansaram-se das escolas maternais e das eternas canções infantis, desejando enfrentar o que é proibido, como fazem as crianças.

As filhas públicas aplicam o selo da cretinice a seu próprio sexo. Há uma diferença entre dizer que alguém não quer e que alguém não pode agir de maneira diferente.

Quando as mulheres não querem agir de maneira diversa, deve-se colocá-las no mesmo nível dos ricos: sua bobice é conseqüência do luxo, seu estilo de vida

é uma opção, seu desinteresse por cargos e honrarias prova sua soberania.

Quando as mulheres não podem agir de maneira diversa, devem ser consideradas idiotas. Quando, após decênios de direito ao voto, maioria nas eleições, bem-estar material, livre escolha de estudos e profissão, não conseguem avançar, apesar dos mais ingentes esforços, a explicação somente pode ser a da inferioridade psíquica congênita. Tais pessoas não são capazes de transformar seu destino, dependem da consideração e da compreensão dos que as rodeiam, e necessitam o "amor ao próximo" dos homens. Não se pode compreender, no entanto, que as justiceiras saibam o mal que procuram causar às mulheres. Elas são crianças, mesmo sendo públicas. Não se costuma chamar crianças à responsabilidade — mesmo sendo públicas.

O homem como vítima de sua poligamia

6

O POLÍGAMO TRAI SEMPRE SOMENTE OS HOMENS

As mulheres se queixam de que os homens vêem nelas apenas o objeto sexual. Que bom, se assim fosse! Na realidade, um homem precisa ter muita imaginação para ver em sua parceira um objeto sexual. A maioria das mulheres elege propositadamente o homem que a faz sentir inferior; "quando olhar para um homem, quero sentí-lo superior", é o que todas dizem. Uma pessoa inferior não é um objeto sexual, mas um objeto de proteção, isto é, uma criança. Para considerar alguém como objeto sexual, é necessário que este alguém seja do tipo fisicamente oposto e de força mental semelhante. Geralmente, as mulheres são apenas fisicamente opostas ao seu parceiro. *Burrice* não é uma qualidade específica do sexo, pois não é o antônimo de masculinidade, e sim de *inteligência. E*, por isso, não torna a mulher mais feminina, como muitos pensam, mas mais infantil.

O parceiro inferiorizado não provoca o impulso sexual, apenas o impulso de proteção à cria, levando o outro parceiro a praticar a poligamia. Como sente necessidade de proteção, a relação sexual desperta-lhe o remorso, levando-o à procura de um segundo parceiro que, se lhe for também inferior, fará igualmente com que se sinta de consciência pesada e parta à conquista

de mais outro parceiro, e assim por diante. Os homossexuais nada mais são do que homens resignados que, durante muito tempo procuraram, em vão, uma mulher para parceira sexual. Eles preferem enfrentar a igualdade de sexos do que um intelecto infantil.

Apesar do polígamo mediano não trair propriamente sua mulher, mas um outro homem, dificilmente ele se conscientiza disso, porque uma mulher que vê um pai em lugar de um marido, não pode ser traida sexualmente. Para a mulher "adotada", o parceiro sexual não é um amante, por este motivo, somente poderá ter ciúmes da outra mulher se esta puser em perigo sua manutenção. Naturalmente, ela preferiria ser a única filha do marido mas, como já existe outra "irmã", que, pelo menos, esta não seja a preferida. Se a partilha for justa e o pai tiver suficientes bens para a manutenção de várias filhas, o que ele fizer com as outras, lhe será fundamentalmente indiferente.

Por este motivo, o homem polígamo somente deveria sentir pruridos de consciência em relação aos homens, jamais em relação às mulheres. Como existe equilíbrio entre a população masculina e a feminina, cada homem que tiver duas mulheres, estará roubando a parceira de outro homem. O xeque que possui cem "objetos sexuais" não está cometendo nenhuma maldade contra as mulheres. Pelo contrário, em seu harém são muito bem tratadas. A "exploração sexual" torna-se mínima por ficar dividida entre muitas e elas não precisam separar-se de seus filhos, além do fato de estarem sempre acompanhadas. Somente os homens pobres são os verdadeiros humilhados, pois o xeque está roubando a parceira de noventa e nove deles.

Também na já mencionada forma sul-americana de bigamia, o homem é o único perdedor. A verdadeira vítima do *machismo* é sempre um *macho*, pois cada macho com duas mulheres, estará roubando a única parceira de outro macho. Já que o macho rico exige fidelidade como única recompensa das mulheres que mantém, e como as donzelas procuram elevar o preço de mercado da virgindade, o macho mais pobre mal tem oportunidade de uma eventualidade sexual gratuita. Como resultado, surgem os seres de bordel, à procura de seus semelhantes: — os pobres, a quem tomaram a parceira, se vêem obrigados a partilhar as poucas mulheres que sobraram. Mas o macho pobre tampouco compreende o que se passa, devido à já descrita lavagem cerebral. Também ele está convencido que os homens oprimem as mulheres, e quando tiver ganho o suficiente para contratar uma delas para parceira sexual, por meia hora, sente-se superior a todas as mulheres.

Pode-se ter a certeza que os sul-americanos mais pobres, — pressupondo que acordassem de seus sonhos ilusórios —, poderiam esquecer o seu tão decantado machismo. Mas a moral feminina, — a moral de muitas mulheres que desejariam encontrar quem as sustentasse por toda a vida —, não lhes dá a menor oportunidade. Os machos que precisam frequentar prostitutas por não poderem encontrar outras mulheres, não representam absolutamente a tão decantada "sociedade masculina" sul-americana. A chamadas mulheres comerciais, não são vítimas dos homens que as procuram, mas da venalidade das chamadas mulheres honestas, que literalmente as jogam nos braços dos homens.

A MULHER QUER AMOR AO PRÓXIMO

As mulheres têm a escolha: podem fazer dos homens seus pais ou seus amantes, podem provocar comiseração ou desejo. Enquanto fizerem o papel de crianças, terão preferência pela comiseração. Enquanto quiserem ser o lado mais fraco, mais jovem e mais tolo, enquanto escolherem homens superiores a elas —, escolherão sempre o amor ao próximo.

As mulheres levam à confusão os sentimentos dos homens: parecem adultas e comportam-se como crianças, exigem paixão e se conservam frias, falam em carinho e pensam em proteção. Aniquilam o amor de ambos: renunciam espontaneamente, mas o homem deve conformar-se com aquilo que elas fazem passar por amor. "Quem ama de verdade, pensa em primeiro lugar na felicidade do parceiro" — é a definição feminina de amor. Mas, sempre que o homem sentir pela mulher aquilo que ela espera dele, isto é, se pensar em primeiro lugar na felicidade *dela*, ele não será feliz, e sempre que o for, é porque pensou primeiramente em si mesmo. Vimos que a mulher manipula facilmente os impulsos masculinos. Ela precisa apenas ser um pouco mais fraca, um pouco mais fria, um pouco tola do que o parceiro, para que ele sinta necessidade de ampará-la. Mas, o fato de algo ser de fácil execução, será motivo para que seja realizado? A vantagem pessoal servirá de justificativa para uma ação?

Não se deve fazer tudo aquilo que se quer fazer, apenas porque se pode fazê-lo. Pessoas civilizadas, por exemplo, não maltratam os animais, apesar de poder fazê-lo. Quando conseguirão as mulheres o grau necessário de civilização para deixarem de abusar dos homens? Quando deixarão de transformar amantes em

protetores, apenas por possuirem a força suficiente para isso? Quando, finalmente, deixarão de usar a crueldade no amor? Enquanto não o fizerem, a única solução para os homens será a poligamia. Nem precisam mortificar-se com remorsos. Enquanto as mulheres continuarem a imitar crianças, enquanto se deixarem proteger sem que tenham motivos para isso, os homens continuarão a ter direito a várias mulheres. Entre todas as menininhas que encontram pela vida fora, têm o direito de procurar uma mulher até encontrá-la. As verdadeiras vítimas de sua poligamia, como já foi dito, são, aliás, eles mesmos. Se quiserem prejudicar-se a si mesmos, somente eles, afinal, poderão decidí-lo.

O SEXO POLÍGAMO

Depois de vender em 21 países, incluindo o Brasil,
mais de 2.000.000 de exemplares
do livro "O Homem Domado",
Esther Vilar volta à carga e explica, com coragem inaudita,
porque "o Homem tem direito a duas mulheres"
Na realidade, "O Sexo Polígamo"
só é polígamo mesmo, por obrigação.

É preciso ver que "o mundo é um matriarcado
onde os homens brincam de patriarcas".
Este é um livro escrito por uma socióloga
que devia ser lido
por todas as mulheres e por todos os homens.
Sua maior virtude é a de provocar
a introspecção sobre o relacionamento do casal
em qualquer latitude.
A Autora faz, também, uma análise
do machismo sul-americano.